

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO – ESPECIALIZAÇÃO EM
GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

RAQUEL BERNADETE MACHADO

**BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE LEITURA
E FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR**

FLORIANÓPOLIS

2010

RAQUEL BERNADETE MACHADO

**BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE LEITURA
E FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Latu Sensu em Gestão de Unidades de Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Unidades de Informação.

Orientadora: Prof^a. Maria Emília Ganzarolli, Me.

FLORIANÓPOLIS

2010

RAQUEL BERNADETE MACHADO

**BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE LEITURA
E FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Latu Sensu em Gestão de Unidades de Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Unidades de Informação.

Banca Examinadora

Orientadora:

Professora Mestre Maria Emilia Ganzarolli
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro:

Professora Doutora Gisela Eggert Steindel
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro:

Professora Mestre Fernanda de Sales
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Florianópolis/SC, Julho de 2010

Dedico aos meus pais pela vida e pelo incentivo ao estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida, da sabedoria e da paciência em aguardar as bênçãos reservadas a todos nós.

Agradeço aos meus pais Manoel e Bernadete, especialmente a minha mãe, por tudo que sou e por sempre me incentivar e me guiar pelos caminhos do bem e do conhecimento.

Agradeço a minha filha Isis pela compreensão em meus momentos de ausência.

Agradeço a minha orientadora professora Maria Emília pela dedicação e pelo incentivo desde a graduação.

Agradeço à direção e a toda a equipe de trabalho do Colégio da Lagoa, onde atuo como bibliotecária e onde me sinto em casa.

Agradecimentos especiais às demais pessoas, não citadas aqui, mas que, igualmente, ajudaram e apoiaram nesta jornada.

“O resultado mais valioso em toda educação é conseguir que se faça o que devemos fazer, quando isso deve ser feito, querendo nós ou não. É a primeira lição a ser aprendida. E mesmo que o treinamento tenha começado muito cedo, provavelmente, na última lição é que se compreenderá tudo”.

(Thomas Huxley)

RESUMO

O objetivo central do estudo é analisar, a partir da literatura técnico-científica, a biblioteca escolar como espaço de leitura e incentivo à formação do aluno-leitor. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, de caráter exploratório, na qual se realizou o levantamento dos trabalhos publicados nos Anais do Congresso de Leitura do Brasil (COLE) no período de 2003 a 2009. Apresenta um breve histórico da biblioteca escolar no Brasil, descreve os trabalhos/projetos que enfocam a biblioteca escolar como espaço de leitura, identificando as ações que estimulam a formação do aluno-leitor e destaca o trabalho do bibliotecário e do professor como formadores/mediadores da leitura na escola. Os resultados apontam que a biblioteca representa um espaço de leitura quando desenvolve ações que estimulam o aluno a ler com gosto, liberdade e autonomia. Tais ações estão relacionadas ao trabalho com poesia, hora do conto e produção de textos. A mediação da leitura ocorre, principalmente, pelos bibliotecários e professores.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar – Espaço de Leitura. Aluno-Leitor – Biblioteca Escolar. Bibliotecário – Biblioteca Escolar. Professor – Biblioteca Escolar.

ABSTRACT

The main objective of the study is to analyze, from the scientific and technical literature, the school library as a space for reading and encouraging the formation of the student-reader. This is a qualitative research, literature, exploratory, in which it conducted the survey of papers published in the Congressional Reading of Brazil (COLE) in the period 2003 to 2009. Presents a brief history of the school library in Brazil, describes the work / projects that focus on school library as a space for reading, identifying the actions that stimulate the formation of the student-reader and highlights the work of librarians and teachers as trainers / facilitators reading in school. The results indicate that the library is a reading room when developing actions that encourage students to read with pleasure, freedom and autonomy. Such actions are related to working with poetry, storytelling and production of texts. The mediation of reading occurs mainly by librarians and teachers.

Palavras-chave: School Library - Reading Area. Student-Reader - School Library. Librarian - School Library. Professor - School Library.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 METODOLOGIA	8
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3.1 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL	10
3.2 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	14
3.3 A BIBLIOTECA DA ESCOLA COMO ESPAÇO DE LEITURA	16
4 AS EXPERIÊNCIAS DE INCENTIVO À LEITURA na BIBLIOTECA ESCOLAR..	22
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	36
5.1 A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE LEITURA.....	36
5.2 AS ATIVIDADES DE INCENTIVO À LEITURA	41
5.2.1 O Trabalho com Poesia.....	41
5.2.2 A Hora do Conto.....	43
5.2.3 A Produção de Textos.....	45
5.3 OS MEDIADORES DA LEITURA	47
5.3.1 O Bibliotecário	48
5.3.2 O Professor Bibliotecário.....	49
5.3.3 O Professor Mediador da Leitura.....	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

O debate a respeito da importância da biblioteca na escola e a formação de leitores cresce cada vez mais na área da biblioteconomia e da educação. No entanto, o contexto analisado, em geral, gira em torno da função pedagógica da biblioteca no processo educacional ou da importância da formação do hábito de leitura.

Pesquisas na área apontam que a biblioteca atua, predominantemente, como um espaço de apoio às aulas e não como um ambiente de desenvolvimento de competências, como capacidade de interpretação, compreensão, autonomia e senso crítico. O apoio às atividades desenvolvidas em sala de aula dá-se por meio de empréstimo de livros ou outros materiais para complementar os temas abordados pelo professor. O incentivo à leitura, geralmente, é aquele cujo objetivo direciona-se para um fim específico, ou seja, determina-se o livro que o aluno vai ler e ele faz o tão conhecido “fichamento”. Essa prática tornou-se cansativa e desestimulante, pois subtrai do estudante o prazer da escolha do livro.

É fato que a biblioteca precisa, por meio do profissional bibliotecário, auxiliar alunos e professores no desenvolvimento de suas tarefas escolares, seja oferecendo acervos adequados e atrativos, seja orientando na pesquisa escolar. Os bibliotecários têm a função de desenvolver as competências do aluno para a busca e uso da informação. Por outro lado, há que se tomar cuidado para que a biblioteca não seja um local apenas para pesquisa escolar e realização de tarefas de aprendizagem.

Independente do tipo de biblioteca escolar, pública ou particular, o incentivo à leitura é a atividade que norteia todos os seus objetivos. Quase sempre uma escola particular possui condições mais favoráveis a esta prática por possuir, muitas vezes, mais recursos humanos e materiais. No entanto, quando se volta para a esfera pública, a realidade nas escolas e nas bibliotecas nem sempre é tão favorável assim. Apesar de algumas políticas públicas implementadas pelo governo a fim de melhorar o nível do ensino, ainda é distante do ideal a estrutura das bibliotecas escolares para

atender de forma satisfatória e, assim, contribuir para desenvolver o gosto pela leitura.

Contudo, o perfil dos profissionais que atuam na biblioteca das escolas é que pode ser o diferencial. O bibliotecário, em parceria com o professor, pode desenvolver atividades para conquistar o aluno e torná-lo um assíduo frequentador do ambiente e um leitor crítico.

Antes de tudo, a biblioteca da escola, precisa ser, aos olhos do estudante, um ambiente agradável e acolhedor. Além de ser um espaço de aprendizado e desenvolvimento de novos conhecimentos, a biblioteca é um espaço lúdico, onde os alunos devem ter a liberdade de escolha de suas leituras prediletas.

A leitura de fruição é definida por Corrêa (2003, p. 73) citado por Palma Filho (2008) como “leitura que se realiza pelo desejo, pela espontaneidade, pela ausência de controles e satisfações devidas”.¹ Entre os diversos tipos de leitura que podem ser desenvolvidas, a leitura por prazer é a mais significativa de todas, pois é aquela leitura de lazer, livre, desejada, sem controles e que precisa ser incentivada de maneira sutil e não de forma obrigatória. Para isso, é necessário tornar a biblioteca um espaço atrativo, no qual o estudante poderá sentir-se à vontade para ler o que melhor lhe convier, sem sentir a sobrecarga das tarefas escolares. Somente assim poderá a biblioteca da escola ser um espaço de leitura.

Refletindo-se sob esse ponto de vista, surge a inquietação de conhecer de que maneira a biblioteca na escola atua no sentido de fornecer e de promover o gosto pela leitura livre de obrigações e tarefas. A formação do aluno-leitor é uma questão bastante discutida na área científica, no entanto, é preciso que se reflita como a biblioteca contribui para este processo. Desse modo, questiona-se de que forma a biblioteca escolar é identificada como um espaço de leitura contribuindo para a formação do aluno-leitor?

¹ Nesta monografia será considerada leitura de fruição a leitura livre, a leitura por prazer, a leitura de lazer, denominações encontradas nos trabalhos analisados pelo presente estudo.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar, a partir da literatura técnico-científica, a biblioteca escolar como espaço de leitura e incentivo à formação do aluno-leitor. Tem como objetivos específicos: apresentar um breve histórico da biblioteca escolar no Brasil; descrever os trabalhos/projetos que enfocam a biblioteca escolar como espaço mediador de leitura; identificar as ações que estimulam a formação do aluno-leitor e conhecer o trabalho do bibliotecário como um formador/mediador da leitura na escola.

A escolha da temática foi motivada por diversas questões. Percebeu-se uma lacuna na área, onde existe certa escassez de estudos que abordem a biblioteca escolar como espaço de leitura de fruição e formação do aluno-leitor. Além disso, a possibilidade de ampliação do conhecimento a respeito da formação de leitores; a possível contribuição do estudo para as áreas da Educação, Biblioteconomia e Ciência da Informação, já que pretende abordar uma temática intrínseca a essas áreas, justificam esta pesquisa.

A pesquisa em questão poderá contribuir para se conhecer de que forma a biblioteca atua na formação de leitores e como o profissional bibliotecário contribui neste processo. A partir das conclusões poderão surgir outros estudos direcionados para esta temática, assim como a reflexão de algumas práticas no exercício profissional de bibliotecários e professores.

Sob uma ótica de ordem mais pessoal, a temática da biblioteca escolar é interesse da autora por conhecer questões práticas do dia a dia profissional que estimulam a busca por conhecimentos novos e o aperfeiçoamento de habilidades e competências na atuação profissional.

A pesquisa é qualitativa, bibliográfica, de caráter exploratório. A estrutura do trabalho compõe-se de seis capítulos distintos, incluindo este primeiro introdutório. O segundo capítulo enfoca a metodologia aplicada para o desenvolvimento da pesquisa. O terceiro capítulo apresenta a fundamentação teórica. O quarto capítulo destaca os trabalhos selecionados para análise, apresentando um breve resumo de cada um deles. O quinto capítulo apresenta a análise e discussão dos dados. O sexto e último capítulo discorre sobre as considerações finais.

2 METODOLOGIA

Do ponto de vista da abordagem do problema de pesquisa e por se tratar de uma temática na área de ciências sociais aplicada, onde serão investigadas variáveis não quantificáveis, esta pesquisa caracteriza-se como pesquisa qualitativa.

De acordo com Minayo, Deslandes e Gomes (2008, p. 21) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. [...] Ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

É uma pesquisa exploratória de acordo com os seus objetivos. Para Alves (2003, p. 52) a pesquisa exploratória pode tornar mais explícito o problema, além de aprofundar as idéias sobre o objeto de estudo.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica que, segundo Cervo e Bervian (2002, p. 65) “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos”. Os autores ainda afirmam que a pesquisa bibliográfica “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema”.

Buscou-se fazer um levantamento de trabalhos publicados no Congresso de Leitura do Brasil - COLE a respeito da utilização da biblioteca escolar como espaço de leitura e formação de leitores. Foram selecionados os trabalhos apresentados no COLE nos últimos 10 anos, sendo que destes apenas os de 2003 em diante foram relevantes para a pesquisa.

Os trabalhos publicados no 14^o ao 17^o COLE foram considerados com maior pertinência ao tema desta pesquisa por apresentarem os trabalhos mais estruturados e cientificamente viáveis para análise. Foram também delimitados os seguintes seminários dentro do COLE por apresentarem melhor consistência de dados relevantes: Seminário Bibliotecas Escolares; Seminário Letramento e

Alfabetização; Seminário Linguagens em Educação Infantil e Seminário Literatura Infantil e Juvenil.

Foi selecionado o total de dez trabalhos apresentados no COLE, a partir dos seguintes critérios:

- Relatos de experiências práticas de incentivo à leitura ocorridas em escolas e bibliotecas de escolas;
- Pesquisas realizadas abordando o uso da biblioteca como ambiente de leitura;
- Estudos e relatos descrevendo a atuação de bibliotecários e professores no processo de mediação da leitura;
- Trabalhos que apresentassem uma descrição bem estruturada, com justificativa, metodologia e resultados alcançados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como fundamentação teórica desta pesquisa realizou-se a revisão de literatura a respeito da temática, focalizando principalmente três temas que se inter-relacionam. Primeiramente, é feita uma breve contextualização histórica da biblioteca escolar no Brasil. Em seguida, é abordada a literatura infantil e juvenil e a biblioteca escolar como espaço de leitura.

3.1 BREVE HISTÓRICO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL

Com a chegada da corte portuguesa no Brasil, foram instaladas as primeiras bibliotecas no país. No entanto, até 1970 não havia destaque para as bibliotecas escolares. Até então, o foco estava na biblioteca pública, que de certa forma exercia também a função de biblioteca escolar. Somente com o desenvolvimento e a democratização da Educação é que, por meio da legislação, houve preocupação em equipar e estruturar bibliotecas ou salas de leitura nas escolas, de acordo com diversos autores (ARANHA, 2006; MACEDO, 2005; VÁLIO, 1990).

Podemos afirmar que foram os religiosos que iniciaram o processo de escolarização dos primeiros habitantes no Brasil, instituindo os primeiros colégios. Segundo Nogueira (1986) citado por Silva (2004, p. 4), tão logo chegaram ao Brasil, os Jesuítas “tiveram como preocupação inicial pedir a Portugal documentos, que na sua maioria, constituíram-se de obras religiosas, para formar o acervo da biblioteca de seus colégios”. Moraes (2006) acrescenta ainda que as bibliotecas dos Jesuítas ficavam abertas para atender aos alunos e padres, porém qualquer pessoa que formalizasse um pedido de consulta poderia utilizá-la. Além disso, tinham acervos de nível universitário, abrangendo as várias áreas do conhecimento.

Não podemos determinar exatamente o período de criação de cada tipo de biblioteca. No entanto, Fonseca (1992, p. 65) apresenta uma ordem cronológica da criação de várias bibliotecas no Brasil. De acordo com o autor, no período colonial as primeiras bibliotecas foram organizadas na Bahia pelos Jesuítas, que “no princípio tinha caráter privado, com o tempo se tornou público”. Depois, surgiu também na Bahia a primeira biblioteca monástica, em 1582, de um mosteiro beneditino. Já em

1811 foi inaugurada a Biblioteca Pública da Bahia (FONSECA, 1992). Com isso, percebe-se que a criação das primeiras bibliotecas tinha a função de servir aos vários segmentos da sociedade, apesar do controle que existia em oferecer apenas os documentos que fossem de interesse religioso.

Contudo, essas bibliotecas caracterizadas como públicas serviam também como espaços de leitura e pesquisa apoiando as atividades de ensino e aprendizagem. Não existia até o momento registros que evidenciassem a criação de bibliotecas para o público infantil e juvenil. Válio (1990) afirma que até 1697 não se escrevia literatura especificamente direcionada para o público infantil. É quando Perrault, na França, publica os primeiros contos para crianças. Ainda segundo a autora, as escolas brasileiras foram criadas com a lei de 15 de outubro de 1827, com a finalidade de se ensinar a ler, a escrever, a aritmética e a religião. Predominava a leitura da Constituição do Império e a História do Brasil. No entanto, ainda era insuficiente as ações que promovessem a leitura para crianças, sobretudo com espaços direcionados para este público.

De acordo com Milanesi (2003), o período republicano sofreu algumas alterações no ensino. O autor afirma que o ensino teve como prioridade, nesta época, a matemática, a astronomia, a física e a química. Milanesi (2003, p. 88) diz que “a literatura perdeu espaços, bem como a religião. O Estado separou-se da Igreja e isso motivou uma série de ajustes no ensino e na circulação de informações” que até então era controlada pela Igreja. Com o advento da imprensa criaram-se centros culturais e salas de leitura pública nos quais predominava a leitura de jornais e revistas.

Em sua abordagem histórica sobre bibliotecas escolares, Válio (1990) diz que por volta de 1850 é que começou uma discussão no Brasil sobre a necessidade da criação de bibliotecas apropriadas às escolas. Para a autora, “o desenvolvimento de bibliotecas escolares, no sentido hoje entendido, começou a acontecer no país com a fundação das escolas normais” (VÁLIO, 1990, p. 18).

Mais tarde, já nas décadas de 20 e 30 do século XX, influenciados por ideias da Escola Nova – movimento de renovação do ensino – a preocupação dos

educadores da época era a de prover instalações adequadas para a guarda de livros, constituir ambientes acolhedores para a leitura, além de adquirir móveis apropriados aos corpos dos alunos e criar horas específicas de frequência de alunos à biblioteca (VIDAL, 2004, p. 206). Com isso, os educadores propunham a reordenação das práticas escolares, tendo os alunos como centro do processo educativo. Surgiu à mesma época a implantação de vários cursos de biblioteconomia e a criação de algumas bibliotecas infantis, além de amplo debate sobre a importância da leitura.

Aranha (2006) descreveu a trajetória do desenvolvimento da educação e da pedagogia no Brasil e afirma que o interesse pela educação aumentou no final do Império e que isso trouxe uma “significativa ampliação do debate, por meio de conferências pedagógicas, criação de bibliotecas, museus, além da difusão de livros e artigos de jornal sobre pedagogia” (ARANHA, 2006, p. 298).

Mais tarde, na República Populista – período compreendido entre 1945 a 1964 – ocorreu um debate como nunca visto antes e tendo como pano de fundo o anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que levou treze anos para entrar em vigor, sendo promulgada em 1961 (ARANHA, 2006). No ano de 1996 foi aprovada a reforma da LDB e, com isso, surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dando mais sentido à biblioteca escolar. Campello et al (2001, p. 19) analisou a biblioteca escolar na perspectiva dos PCNs e concluiu que:

A concepção pedagógica proposta nos PCN vem, com certeza, reforçar o papel da biblioteca dentro da escola. Ela se constituirá no espaço coletivo para o compartilhamento dos recursos didáticos que as novas metodologias irão exigir. Fica evidente que esses recursos deverão estar próximos dos alunos, não se justificando mais soluções paliativas que sugeriam que a biblioteca pública poderia substituir a biblioteca escolar.

O trabalho de Macedo (2005, p. 419) apresenta uma descrição histórica da biblioteca escolar de 1940 a 2004 e cita como marco inicial da memória dos principais trabalhos sobre bibliotecas nas escolas o trabalho do professor Lourenço Filho, que apontava a necessidade do ensino estar ligado à biblioteca. Após a década de 60 do século XX, Macedo destaca a interação entre a biblioteca pública e a biblioteca escolar.

O professor Edson Nery da Fonseca, fundador do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, tornou-se um importante autor na área que contribuiu para a pesquisa na área de biblioteca escolar. Em 1982, durante a abertura do 1º Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares, também defendeu a ideia de uma relação mais íntima e dinâmica entre a biblioteca pública e a biblioteca escolar, como um meio de amenizar a crise na educação. O autor questiona por que até aquele momento os congressos nacionais, encontros, simpósios, jornadas e seminários nunca tiveram a biblioteca escolar como tema principal de debates (FONSECA, 1983).

O próprio Edson Nery da Fonseca, em 1952, já tentava estimular, sem sucesso, investimentos na biblioteca pública, pois ela poderia funcionar como instituição educativa muito mais dinâmica do que a escola (FONSECA, 1992). O autor também cita a criação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, nos anos 50, em Salvador. Válio (1990) acrescenta ainda que a fundação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato mostra que somente depois de quatro séculos é que a sociedade brasileira preocupou-se em oferecer um local destinado especificamente à leitura.

Atualmente podemos perceber que a situação das bibliotecas nas escolas pouco mudou. De acordo com Vianna, Carvalho e Silva (1999, p. 20) palavras como “inoperantes, precárias, fechadas, órgãos sem vida” e outras descrevem a qualificação dada pela literatura levantada no estudo das autoras. Esta realidade, em geral, refere-se às bibliotecas de escolas públicas. No entanto, em alguns casos, as escolas particulares não investem recursos na biblioteca, caracterizando-a como um depósito de livros e materiais.

Por último, pode-se destacar o trabalho do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE), instituído pela Escola da Ciência da Informação da UFMG, o qual promove o estudo e a reflexão em torno da biblioteca escolar e sua atuação no ambiente pedagógico. Integra pesquisadores e estudantes e, de acordo com o Portal do GEBE, o grupo tem a finalidade de divulgar seus trabalhos, mas principalmente de promover o diálogo com aqueles que, no exercício profissional, constroem as bases da prática biblioteconômica no ambiente escolar.

3.2 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

A literatura infantil e juvenil é, possivelmente, o que instiga e estimula a leitura no ambiente escolar. Há, atualmente, grandes autores que escrevem para crianças, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Ziraldo, Eva Furnari, João Carlos Marinho, Marina Colassanti, entre outros. São autores que conseguem expressar, por meio de suas obras, todo o universo infantil: imperceptível e enigmático. A produção literária infantil e juvenil no Brasil é considerada pelos estudiosos da área de boa qualidade. Vejamos abaixo que para Caldin (2001, p. 120) os autores contemporâneos:

Mostram um livro diferente para as crianças, sem o didatismo que sempre caracterizou a Literatura Infantil. Com um apelo lúdico muito forte, apresentam problemas que acontecem no cotidiano da vida infantil. Ao abolir o moralismo pedante, transformam as situações de crise e conflito em situações engraçadas e ternas.

Fanny Abramovich (1983, p. 27) vai além e cita vários autores que considera como “um time que se firma como dos mais sólidos, dos autores que mais têm a dizer à criança, que a respeitam e a fazem crescer através de suas narrativas sempre contundentes, pertinentes e belas”. A autora ainda afirma que houve um salto qualitativo e quantitativo na literatura infantil brasileira. Segundo ela, ocorreu a perda do medo de se dizer tudo que importa realmente para a criança.

No entanto, Abramovich (1983, p. 13) faz uma crítica a alguns livros nos quais o mundo que se apresenta às crianças, em geral, “é muito cuidado, limpo, imutável, linear, maniqueísta, sem contradições, sem insucessos, seguro e firme”. Mas, atualmente, analisando alguns livros escritos para crianças, pode-se perceber que estes procuram sugerir uma reflexão sobre suas inquietações e problemas. Abramovich, ao fazer sua crítica, está mostrando que esse tipo de literatura infantil, na qual tudo é perfeito, pode levar a frustrações e despertar dúvidas.

É importante que bibliotecários e professores façam a mediação da leitura proposta aos alunos. No entanto, isso não pode tirar do leitor o prazer de buscar o tipo de literatura que mais lhe agrada. De acordo com Zilberman (1985, p. 13), historicamente “os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e

professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos” (ZILBERMAN, 1985, p. 13). Por que isso acontece? Ainda é predominante trabalhar a literatura infantil e juvenil em sala de aula com finalidade pedagógica. Conhecer os autores e os textos é sempre positivo, no entanto é preciso que seja feito de forma prazerosa para o aluno. Nesse sentido, a biblioteca pode ser o paraíso onde a literatura infantil é um mundo de fantasia e de possibilidades.

Morin (2001, p. 48) afirma que os livros têm o papel de ser “escolas da descoberta de si” onde o leitor pode reconhecer sua vida subjetiva na dos personagens. Além disso, pode descobrir a manifestação de suas aspirações, seus problemas e suas verdades. O autor ainda afirma que os “livros constituem ‘experiências de verdade’ quando nos desvendam e configuram uma verdade ignorada, escondida, profunda, informe”. A literatura para crianças e adolescentes tem a função de formar o senso crítico do leitor quando brinca com a vida dos personagens como se fosse realidade. Além disso, pode servir como um estímulo a novas experiências ou resolver conflitos pessoais.

Zilberman (1985, p. 22) expressa abaixo como funciona a essência da literatura infantil na relação construída com o pequeno leitor. Assim:

Como procede a literatura? Ela sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia da escrita ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

É preciso cuidado no trabalho com a literatura infantil para que não se torne uma maçante carga pedagógica para o aluno. De acordo com Zilberman e Lajolo (1988, p. 257) o gênero literatura infantil “é freqüentemente visto como o salvador mágico”. No entanto, as autoras advertem que pode também se tornar “prejudicial a uma perspectiva lúdica e crítica a propósito das possibilidades de atuação do livro na sociedade e na escola”.

Outra questão que merece atenção é a tendência que há em se categorizar os tipos de textos de acordo com a faixa etária escolar. Para Resende (2000, p. 35):

O discernimento quanto à adequação de textos a fases específicas de leitura é necessário. Mas a preocupação excessiva em estabelecer limites rígidos e censura para os leitores é improdutivo. Primeiro porque ler é ato livre; segundo porque há muitos textos que pela sua qualidade estética, pelo seu teor crítico e pela sua concepção em linguagem simples se comunicam com público de qualquer idade.

Acredita-se que deixar a critério do aluno a decisão da escolha do texto que irá ler é o ponto-chave para conquistar este leitor. É comum em bibliotecas escolares a categorização dos livros de literatura infantil e juvenil. Algumas classificam os livros utilizando legenda por cores de acordo com a faixa etária. A biblioteca precisa ser vista como um ambiente organizado e confiável, mas acima de tudo sem regras rígidas nem obrigações. Nóbrega (2002, p. 356) complementa afirmando que “o fato de transformarmos a classificação de nossos acervos em camisas-de-força demonstra, talvez, nossa submissão a paradigmas já ultrapassados”. Para a autora, quando se pensa a questão da biblioteca e acervo é preciso atentar para o fato de que agora o leitor é o importante; é ele quem constrói o sentido através de suas leituras.

Em outro trabalho Zilberman (2005, p. 10) diz que “livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar”. A autora ainda acrescenta que “centenária, a literatura infantil brasileira oferta ao leitor atual um acervo respeitável de boas obras, para serem lembradas por adeptos de várias gerações”. Podemos concluir assim que, quando o texto é de qualidade, marca por toda a vida o aluno-leitor.

3.3 A BIBLIOTECA DA ESCOLA COMO ESPAÇO DE LEITURA

A biblioteca escolar exerce, ou deveria exercer a função pedagógica de apoio às atividades desenvolvidas em sala de aula, bem como serve de espaço para leitura. Os estudantes, principalmente as crianças na fase pré-escolar, têm grande interesse pelos livros e pela descoberta da leitura. Para que a criança não perca

esse interesse, cabe à família estimulá-la e motivá-la ainda mais. Portanto, é importante incentivar a leitura e a frequentar bibliotecas.

De acordo com o Dicionário do Livro de Faria e Pericão (2008), o conceito de biblioteca escolar refere-se àquela que serve à população estudantil de instituições educativas e que responde às exigências dos programas escolares e à diversidade de gostos e necessidades dos alunos e professores. Cunha e Cavalcanti (2008) agregam a este um novo conceito, muito empregado nos Estados Unidos, no qual a biblioteca escolar é denominada como Centro de Recursos Pedagógicos, que seria um setor da biblioteca onde estão disponíveis equipamentos e acervos especializados para dar suporte ao ensino.

Silva e Bortolin (2006, p. 11) destacam a sutil presença da biblioteca na escola, quando afirmam que os próprios pais, no ato da matrícula, muitas vezes não se preocupam em saber da existência da biblioteca. Segundo esses autores, isso se reflete em um comportamento que “reforça a idéia do ensino centrado apenas nas informações transmitidas pelo professor, o que acarreta a reprodução da atitude de ignorar a importância da biblioteca na formação do estudante.”

A biblioteca precisa, pois, ser atuante, elaborando atividades que envolvam todos os elementos da escola e se fazer, então, destaque dentro da instituição. Assim,

Acreditamos que a prática desse conceito mais abrangente de biblioteca, apenas é possível com uma mediação efetiva e constante, mediação aqui entendida como um projeto deliberado da escola na co-gestão da biblioteca por todos os mediadores de leitura pertencentes à comunidade escolar. (SILVA; BORTOLIN, 2006, p. 13).

Para Silva e Bortolin (2006, p. 14) a tarefa de mediar a leitura “exige formação que englobe aspectos científicos e educacionais”. Segundo esses autores, os profissionais que fazem a mediação – bibliotecários e auxiliares – devem estar atentos às discussões pedagógicas da escola. Ainda esses mesmos autores destacam a importância da mediação feita pelos professores, mas sugerem que apresentem a leitura como algo prazeroso e não como instrumento de avaliação e tarefa. O mediador da leitura deverá, além disso, conhecer o desenvolvimento

psicossocial das crianças e adolescentes; conhecer os mecanismos pedagógicos para auxiliar nas ações de leitura; ter embasamento artístico-cultural sobre arte e literatura; ser também leitor; e, por fim, saber interagir com uma variedade de textos (SILVA; BORTOLIN, 2006).

As crianças têm um fascínio nato por livros. É na família que começa o trabalho de mediação da leitura a ser estendido ao longo de sua vida escolar e acadêmica. O ambiente familiar é bastante propício para estimular ainda mais o interesse pela leitura e pela biblioteca. “A imagem da escola, da biblioteca ou de um espaço de formação de leitores deve ser pensada cuidadosamente, a fim de criar condições de simpatia e respeito pela sua função” (MARTINS, 2006, p. 59).

Para Martins, (2006, p. 64) o bibliotecário precisa ser um “encantador” que domina o que faz, conhece o mundo literário e interage com seu público leitor. Battles (2003, p. 150) apud Martins (2006, p. 64) diz que “leitores lêem livros, bibliotecários lêem leitores”. Assim, pode-se afirmar que os mediadores de leitura precisam ter conhecimento dos gostos e interesses dos seus leitores de forma quase que particular, ou seja, conhecer a fundo seu público para poder interagir e cativar cada um deles.

É na escola que, na maioria dos casos, acontece o primeiro “encantamento” pela leitura. Isso mostra quão importante e marcante é o papel da biblioteca na formação dos estudantes. Castro Filho (2008, p. 73) expressa bem isso quando diz que:

A biblioteca tem, na sociedade atual, uma importante missão a cumprir no que se refere ao desenvolvimento dos cidadãos, considerando que a biblioteca escolar é, geralmente, a primeira biblioteca conhecida pela maioria das pessoas, sendo responsável pelo primeiro contato com o livro e pela primeira leitura.

Por outro lado, Romão e Ferrarezi (2008) colocam que a biblioteca pode contribuir para estimular o gosto pela leitura ou agravar ainda mais a coerção praticada em sala de aula. As autoras ainda observam que o foco é mais voltado à necessidade da leitura prazerosa, no entanto ainda pouco se questiona sobre o que impede o surgimento deste prazer. Para as autoras,

Leitura é, essencialmente, interação, tensão e produção de sentidos bem diferentes daqueles circulantes no imaginário sobre as atividades de leitura na biblioteca escolar, sentidos estes que a definem como uma atividade monótona, mecânica e desestimulante. (ROMÃO; FERRAREZI, 2008, p.139)

Cabe citar a pesquisa desenvolvida por Batista (2002), que faz uma análise das atividades de leitura desenvolvidas por docentes em Piauí. A autora concluiu que existem, em termos genéricos, dois grupos distintos de professores. O primeiro grupo valoriza o conhecimento prévio do aluno, explora o livro didático e paradidático de forma adequada e promove, além da mera verificação da leitura, atividades que avaliam o crescimento do aluno enquanto leitor. De outro lado, está o segundo grupo que desconsidera a função social da leitura, não valoriza a experiência dos alunos, subutiliza o livro paradidático e se limita apenas a verificar se o aluno leu o livro. Pode-se inferir assim que há, ainda, certa deficiência nas ações de promoção da leitura em sala de aula.

Já analisando as funções da leitura de lazer, Dumont (2000) coloca que este tipo de leitura desenvolvida pelo estímulo de atividades lúdicas desperta a imaginação, tida como importante componente da aprendizagem. Sob outra perspectiva, Caldin (2003, p. 48) reflete sobre a função social da leitura que desperta na criança o sentido crítico de olhar o mundo. De acordo com a autora:

O discurso literário infantil apresenta-se em uma linguagem carregada de ideologia. O uso social desse discurso reforça a estrutura vigente e, portanto, cabe à leitura preparar a criança para refletir sobre os valores da sociedade.

Em estudo realizado por Romão, Bastos e Almeida (2008) sob uma diferente perspectiva que aborda o silêncio exigido nas bibliotecas escolares, ficou evidente a visão do aluno-leitor. Os autores puderam concluir que, a partir de desenhos coletados entre alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental, diversos estudantes materializaram problemas como a ausência do profissional bibliotecário na biblioteca, pouca variedade documental e diversidade de suportes, predominância de um espaço com portas e janelas fechadas e escadas imensas e livros distantes.

O estudo confirmou que o “pedido, aconselhamento ou ordem de silêncio” aponta para a urgente necessidade de se tornar a biblioteca escolar um espaço mais lúdico e menos imperativo (ROMÃO; BASTOS; ALMEIDA, 2008, p. 163). Como solução, Lojolo (1984, p.26) sugeriu algumas estratégias para melhorar os impasses no processo de formação do leitor, tais como: encarar a prática de leitura como atividade crítica; dessacralizar o ato da leitura; reincorporar à prática de leitura o sentido lúdico e gratuito; incentivar pesquisas na área.

Para que haja um processo de mediação da leitura em que o estudante seja seduzido pela literatura infantil e juvenil é necessário rever algumas práticas profissionais e olhar com mais atenção para o aluno-leitor.

Para Caldin (2002, p. 31), “a criança terá maiores chances de ser boa leitora se receber os estímulos adequados na escola para a fruição literária pela leitura”. Além disso, a autora também concorda que, para tanto, é preciso modificar algumas práticas de bibliotecários e professores. Pereira (2001, p. 8), da mesma forma atenta para esta mudança de rumo na atuação profissional quando afirma que:

No limiar do novo milênio, crepita a urgência por uma postura educacional comprometida, com fundamentados discursos e mais ações, que vislumbre a mudança do paradigma pedagógico, para que ao mediar a apreensão do mundo a escola possa suprir as necessidades emergentes, proporcionando a superação que trilhe os caminhos da transformação e emancipação humanas.

Rösing (2002, p. 399) acrescenta ainda que “o trabalho individual do bibliotecário passa a ter uma dimensão social, precisando atuar com inúmeros outros atores”. A autora afirma que o profissional que deseja mudar seu comportamento e se desvencilhar de um procedimento individual, precisa assumir vários compromissos como um projeto coletivo de toda a comunidade escolar.

Outro aspecto importante a ser destacado diz respeito à adequação do acervo ao público leitor. No trabalho desenvolvido por Ely (2003), pode-se pensar a biblioteca escolar sob diversas dimensões e uma delas é a dimensão recreativa, na qual a autora considera diversos critérios na seleção da coleção de leitura de lazer, como qualidade das ilustrações, tamanho da letra, diversidade, adequação e

relevância. Para a autora, “criar o gosto de ler, desenvolver o interesse pela leitura, favorecer situações de leitura não verbal são propostas a serem consideradas nesta dimensão para que se forme uma geração de leitores” (ELY, 2003, p. 5).

Neste ponto, pode-se pensar na prática profissional do bibliotecário e no importante papel que desenvolve como mediador da leitura. Esse profissional precisa possuir, além das competências técnicas, algumas características pessoais para atuar na biblioteca escolar, como sensibilidade e visão crítica para captar o interesse do leitor e aplicar no desenvolvimento da coleção de leitura.

Aquino (1999, p. 2) reforça a ideia de se tratar o leitor sem coerção, deixando para ele a liberdade de escolha do texto. O autor argumenta:

A escolha do conteúdo de leitura que o professor, muitas vezes, idealiza como leitura, nem sempre representa a vontade geral, a voz dos sujeitos. Esta vontade geral não se identifica com a da minoria (técnicos, consultores, diretores, supervisores e coordenadores, professores e promotores) que decide e delibera o que se deve ler, o dever de ler, o ritual de ler.

Percebe-se que, no discurso teórico, há uma crescente preocupação em se quebrar os antigos paradigmas que envolvem as ações de promoção da leitura na escola e de transformar, realmente, a biblioteca em um espaço de leitura, lazer e cultura.

4 AS EXPERIÊNCIAS DE INCENTIVO À LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Foram selecionados dez trabalhos publicados nos Anais do COLE para análise nesta pesquisa. Entre os trabalhos selecionados, quatro – Trabalhos A, C, G e J – apresentaram resultados de pesquisas e estudos realizados na rede municipal de ensino de alguns municípios – entre eles Campinas (SP), Aracaju (SE), Cascavel (PR), São Leopoldo (RS) e outros – a respeito do uso da biblioteca como ambiente de leitura e formação do aluno-leitor. Os demais trabalhos descreveram relatos de experiências ocorridas em escolas e bibliotecas de escolas, conforme descritos a seguir:

Trabalho A - Brincando de biblioteca com programa literário²

O trabalho descreve o projeto “Brincando de biblioteca com programa literário”, realizado na rede pública de ensino do Distrito Federal. O projeto envolveu alunos do ensino fundamental – de 3^a a 6^a série – e se constituiu de uma série de oficinas ministradas por professores das unidades escolares.

Os principais objetivos do projeto apresentado foram: formar alunos-multiplicadores de leituras em escola pública; estender a prática de brincar de biblioteca em casa e na comunidade; estimular a leitura por prazer; divulgar a literatura infantil e juvenil; desenvolver o trabalho em equipe; descobrir talentos artísticos por meio da literatura; além de dinamizar as bibliotecas, tornando-as verdadeiros centros culturais.

Pela falta de profissionais nas bibliotecas escolares, surgiu a necessidade de capacitar alunos para atuarem como multiplicadores de leituras na escola, em casa e na comunidade.

Setenta e duas obras de literatura infantil foram distribuídas em seis minibibliotecas, onde os alunos participantes puderam apreciar, ler, planejar e

² Cançado (2005)

apresentar um programa literário. Neste programa, foram desenvolvidas diversas atividades culturais, com destaque para teatro e música, baseadas nas obras lidas.

Os alunos participaram das oficinas em que foram trabalhadas as obras selecionadas no programa, incluindo cenários com fantoches e cartazes. Após as oficinas foi feita a integração dos espetáculos culturais organizados, onde os alunos atuaram como plateia e ao mesmo tempo, como artistas.

Para finalizar, os participantes avaliaram as oficinas, registraram seus nomes, receberam certificados e dicas do projeto para, então, assumirem a missão de “Multiplicadores de Leituras”.

Trabalho B - Com o pé na poesia³

O projeto foi desenvolvido em uma escola pública municipal de Vitória (ES) e participaram alunos da 3ª série do ensino fundamental, a professora e a bibliotecária da escola. Além de promover o uso do espaço da biblioteca, foi priorizada também a leitura e a interação entre todos os envolvidos.

A construção do projeto coube não somente à professora e à bibliotecária, mas também aos alunos que interviram com suas ideias e questionamentos, modificando, assim, algumas propostas anteriormente previstas. Em suma, o projeto foi uma construção de todo o grupo.

O trabalho foi pautado nas obras de Ruth Rocha, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Toquinho. O objetivo do projeto foi levar o educando a perceber as relações entre o mundo real e o imaginário revelado nas obras literárias. As músicas e poemas trabalhados visaram desenvolver e associar o lado lúdico existente na poesia.

Foi desenvolvido em oito etapas distintas e o espaço da biblioteca foi utilizado não só como ambiente de leitura, mas como lugar de interação entre leitura,

³ França; Domingos (2007)

música e arte. Em cada etapa foi explorado um poema ou música diferente e foram realizadas atividades como: leitura, recital e dramatização de poesias, pesquisa sobre o autor, confecção de trabalhos manuais, cartazes e mural, colagem, ilustração, produção escrita e apreciação musical.

Pode-se confirmar na conclusão do projeto que o lúdico, o brincar, o ouvir, o falar e o cantar são significativas formas de produção de conhecimento que escapam ao “ensino formal” e que vão acontecendo e sendo construídos por cada um.

Trabalho C - Sentidos de Leitura⁴

Foi realizado um diagnóstico sobre analfabetismo funcional nas escolas públicas, em Campinas (SP). A partir desses diagnósticos, o projeto surgiu da inquietação dos autores e foi desenvolvido por meio da Coordenadoria das Bibliotecas do Departamento de Cultura Municipal de Campinas (SP).

Segundo os autores do trabalho, algumas propostas pontuais para a biblioteca são estabelecidas em algumas escolas sem que se criem condições de um funcionamento que as mantenham e sem bibliotecários que as organizem. Professores em horário de projetos pedagógicos, funcionários readaptados e estagiários fazem parte daquilo que se poderia chamar de corpo funcional das bibliotecas escolares, quando existente.

O projeto foi elaborado tendo como horizonte a atividade de uma feira de livros, com algumas intervenções de leituras públicas e cênicas. A Coordenadoria das Bibliotecas disponibilizou para cada escola um acervo diversificado com cerca de 500 livros de literatura infantil, juvenil e clássicos da literatura para atender ao público escolar de ensino fundamental.

Foram convidados alguns funcionários da Secretaria de Cultura para desenvolver atividades de leituras cênicas e de produção literária. Realizou-se

⁴ Gomes; Pontes (2007)

debates sobre a implementação do projeto em cada escola, envolvendo dirigentes e professores nas atividades de planejamento e realização dos trabalhos do Dia da Leitura e avaliação.

A metodologia utilizada envolveu atividades preparatórias em sala de aula; organização do acervo bibliográfico; encaminhamento dos alunos, manuseio, leituras transversais, leituras em grupo, individuais e não leitura; intervalo e lanche; apresentação dos trabalhos declamados e teatralizados; retorno à sala de aula para avaliação e continuação da leitura.

O projeto propiciou aos alunos o contato com um acervo bibliográfico de grande porte, onde puderam manusear e experimentar a leitura de um ou outro livro. Também fez com que as escolas rediscutissem suas práticas pedagógicas incorporando atividades menos formais no processo educacional.

O projeto de Incentivo à Leitura veio preencher uma lacuna e possibilitar experiências inéditas à população que atingiu. Envolveu em torno de 2500 alunos e cerca de 150 professores, que vivenciaram a multiplicidade das possibilidades do ato de ler. A avaliação do projeto apontou um nível de aceitação do evento próximo dos 90% e propôs a implementação de atividades com outras linguagens artísticas e com esporte.

Trabalho D - A Formação de leitores na unidade de educação infantil Alaíde Lisboa⁵

O trabalho descreve o projeto realizado no 2º semestre de 2008 em uma parceria entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Unidade de Educação Infantil Alaíde Lisboa (UMEI). O projeto teve como objetivo trabalhar a formação de leitores e a promoção de práticas de letramento em uma sala de aula com crianças de três anos de idade.

⁵ Villaça (2009)

O principal instrumento utilizado neste processo foi o livro com leituras de diferentes gêneros textuais. Os encontros entre a bolsista e as crianças ocorreram na biblioteca da escola, buscando que elas tivessem um contato mais direto com esse espaço e, assim, pudessem explorá-lo em todos os aspectos, além de reconhecê-lo como um ambiente de prazer e de descobertas.

A iniciativa partiu da UMEI que convidou a Faculdade de Educação a participar do Projeto Baú de Histórias. Uma bolsista foi encaminhada para a unidade de educação infantil que desenvolveu um trabalho inicial de contação de histórias para todas as turmas. Após sofrer alguns ajustes, o trabalho foi focado em apenas algumas turmas com crianças de três anos, totalizando 45 alunos. Foi estipulado um horário semanal para cada turma.

A professora e seus alunos dirigiam-se à biblioteca, onde a bolsista os aguardava com uma mala. Nessa mala, havia três ou quatro obras de literatura infantil, previamente selecionadas. Procurou-se desenvolver uma atuação ampla que não abordasse apenas o aspecto cognitivo, mas que contemplasse também os aspectos afetivo, lúdico e social, por meio de atividades de letramento literário.

A escolha dos livros obedeceu a alguns critérios como autoridade, texto e trabalho gráfico de qualidade; ilustrações; diferentes tipos de linguagem e gêneros literários e adequação à idade. A contação ou leitura dos livros pautava-se em um planejamento cuidadoso, sem, no entanto criar regras fixas. A atividade foi sendo adaptada de acordo com situações inesperadas ou conforme o comportamento das crianças.

Como resultados do projeto, observaram-se o envolvimento da turma; o reconhecimento dos autores dos livros e seus conteúdos; o incentivo à contação e leitura por parte dos alunos; além da positiva imagem da biblioteca e dos livros.

Com esse projeto foi possível que os alunos tivessem um maior contato com a literatura, podendo explorá-la em todos os sentidos como leitores e/ou ouvintes. Permitiu também uma ampliação em seus repertórios de leitura, abrindo assim a janela para o universo literário.

Trabalho E - Projeto sala de leitura⁶

O projeto foi desenvolvido em uma biblioteca escolar da rede pública de ensino, sem divulgação do município. Envolveu cerca 400 alunos de ensino fundamental, professores, coordenação pedagógica, direção e pessoas da comunidade. Teve por objetivo propiciar um ambiente prazeroso e em condições adequadas para a prática da leitura; desenvolver nos alunos e professores o gosto pela leitura; dinamizar o espaço de leitura da biblioteca; além de implantar uma política de aquisição de livros de qualidade para o acervo.

De acordo com a autora, “a leitura exige ser percebida como um processo de busca da curiosidade, do prazer e do conhecimento”. Para isso, é preciso desvincular a ideia de cobrança e estimular a leitura sem cobranças pré-determinadas e rígidas.

O projeto foi desenvolvido por etapas, nas quais toda a comunidade escolar foi envolvida, inclusive pais de alunos. Primeiramente, ocorreu a explanação do projeto aos professores. Nesse momento, a coordenação lançou a ideia da escola engajar-se na luta pela construção de uma sala ambiente de leitura.

Logo após, partiu-se para obtenção dos recursos para a sala. Foi realizada uma rifa que contou com a colaboração de pais, professores e alunos. O dinheiro arrecadado foi utilizado para a compra de materiais como tintas, baús, tecidos, livros, tapetes e outros. Em relação à política de aquisição dos livros, foram firmadas parcerias com empresas da região para doação de livros, além de verbas provenientes de outros projetos. Em seguida, iniciou-se a montagem da sala, incluindo pintura, decoração, compra dos livros e organização.

Para marcar a inauguração do espaço, foi selecionada uma obra de literatura infantil para ser lida aos alunos. A escola também se preocupou com a

⁶ Boos (2005)

formação dos professores como mediadores da leitura, oferecendo palestras, debates e reuniões.

O uso da sala tornou-se rotina no contexto da escola, criando-se um cronograma semanal para organizar atividades diversificadas em um ambiente próprio com som, fantoches, almofadas, livros de qualidade, tapetes coloridos e outros.

Como resultado do projeto, segundo relato de pais e alunos, a sala de leitura proporcionou o despertar para o hábito de ler, a curiosidade, o manuseio e o cuidado com os livros. Além disso, por ser uma sala aconchegante, atraiu a atenção e o gosto de participar das atividades propostas.

A escola pretende dar continuidade ao projeto por meio da conscientização em relação ao uso e importância da sala; além de busca de recursos através de parcerias, doações e promoções; formação continuada dos professores e realização de novas estratégias no uso do espaço.

Trabalho F - Biblioteca como espaço de produções⁷

O trabalho apresenta o resultado de uma prática de leitura no espaço de uma biblioteca escolar, tendo como foco a literatura de cordel. O projeto envolveu alunos dos 6º, 7º e 8º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mal. Henrique Teixeira Lott, situada em Aracaju (SE).

O projeto foi pensado como uma forma de leitura que estivesse próximo à realidade da comunidade escolar. Foi escolhida a literatura de cordel por se tratar de uma forma de leitura, destacada pela sua dinamicidade e força de expressão popular.

O projeto denominado “Cordelizando no Teixeira” teve como objetivo maior criar textos da literatura popular, estimulando a leitura de cordel, proporcionando aos

⁷ Souza (2009)

alunos atividades que estivessem próximas da realidade deles e que servisse como estímulo à criatividade e à produção de textos.

A literatura de cordel refere-se a histórias contadas em versos rimados e escritos em papel, numa linguagem poética e expressa fatos políticos e sociais, tudo que se identifica com a realidade do povo.

Após o lançamento do projeto, foram apresentados textos teóricos e informativos para discussão entre professores e alunos. Também foram efetuadas visitas às salas de aula para divulgação da literatura cordelista. Os alunos começaram a participar e se integrar às atividades com espontaneidade até chegar à produção de textos.

Os alunos aprenderam sobre a linguagem coloquial, o que lhes deixou à vontade para produzir os seus textos. Também foi percebido o cordel como objeto portador de mensagens e informações e seus autores com um jeito particular de escrever os versos em rimas discorrendo sobre fatos reais.

Os alunos utilizaram o espaço da biblioteca para apresentar seus trabalhos. Para os educadores, os alunos atuaram como articuladores estabelecendo uma relação entre a tradição e o atual. Diante da experiência vivida, concluiu-se que a biblioteca pode ser um espaço de leitura, de cultura, de produção e de conhecimento. Nela, o aluno serve-se da leitura como objeto primordial para suas informações e experiências. Os alunos têm direito a uma leitura cuja prática valorize o pensamento, a escrita e a criatividade.

Trabalho G - Desenvolvendo projeto em biblioteca escolar⁸

O projeto “Poetas na Escola” foi desenvolvido na rede municipal de ensino da Prefeitura de Vila Velha, com alunos de 4^a série. O foco do projeto foi a apresentação aos alunos do gênero literário “poema” em oficinas realizadas na

⁸ Gurgel et al (2007)

biblioteca da escola, com o objetivo de trazer para a criança o gosto pela leitura e produção de textos.

A escolha do gênero literário veio da necessidade em trabalhar a leitura de poemas, atendendo ainda às questões de incentivo à leitura, construções de textos poéticos e exercícios gramaticais.

Foi utilizado como material de suporte e apoio o livro “Poetas da Escola” – Prêmio Escrevendo o Futuro – Itaú, 3ª edição, 2006 – por apresentar diversas propostas de trabalho.

O projeto ainda teve como objetivos específicos instigar a vontade de ler poesia como hábito de lazer; perceber o cuidado com a rítmica na leitura e desenvolver as habilidades de ouvir e criar poemas.

As atividades foram desenvolvidas na biblioteca por meio de oficinas que corresponderam a uma aula dada. Nesses momentos, os alunos puderam conhecer e selecionar autores e livros, além de perceber a estrutura de um poema. Os alunos também realizaram atividades de produção de textos, de poesias e de montagem de um mural para exposição dos trabalhos.

Foi percebido como resultado do projeto a aceitação e o envolvimento de forma entusiasmada por se tratar de algo novo dentro da biblioteca, proporcionando prazer e uma releitura do seu papel dentro da comunidade escolar.

Trabalho H - Vem que eu te conto⁹

Relata a experiência realizada no Colégio Marista de Cascavel, por meio do Núcleo Psicopedagógico e da Biblioteca, onde foi criado o projeto “Vem que eu te conto”. Esse trabalho teve o objetivo de aproximar as crianças e incentivar o desejo de escutar histórias.

⁹ Torino; Boshini (2003)

A união do esforço, entusiasmo e, principalmente, o gosto pela leitura de duas profissionais – professora e bibliotecária – fez com que a sala do conto se tornasse um espaço agradável e cheio de surpresas. Tal sala é um ambiente da biblioteca estruturado para contar histórias e estimular a leitura.

Todas as turmas de educação infantil e ensino fundamental têm, semanalmente, uma aula na biblioteca. Para dinamizar o ato de contar histórias criou-se um ritual, conforme relatado no trabalho: uma caixa ilustrada com temas relacionados à leitura, vestimentas coloridas e recursos sonoros foram utilizados pelas “contadoras de histórias”, que iam até às salas de aula, caracterizadas, apitando e batendo um sininho suavemente nas janelas das salas, sendo a marca registrada do projeto. Elas entravam dizendo: ... “Lá vem história... Vem, vem... que eu te conto”.

Logo após essa preparação, as crianças eram conduzidas à sala do conto para, então, iniciar a contação de histórias. As histórias foram selecionadas de acordo com o interesse e entendimento de cada criança. Diversos recursos como livros, fantoches, lenços, tecidos, objetos de decoração e outros eram tirados da caixa ilustrada e utilizados na atividade.

Fatores como título e autoria foram sempre enfatizados, pois o trabalho era realizado na biblioteca, proporcionando um maior contato com o acervo infantil, o que estimula a curiosidade da criança para ler o livro.

Acredita-se que, com o trabalho, a literatura infantil pode ser um excelente instrumento pedagógico, pois os alunos sentem-se motivados para contar aos amigos e aos pais.

Trabalho I - A Formação do Sujeito Leitor no Âmbito da Biblioteca Escolar¹⁰

O projeto foi desenvolvido na biblioteca de uma escola pública do município de Presidente Bernardes (SP) com o intuito de auxiliar na formação do sujeito leitor

¹⁰ Ujje (2003)

(professor e aluno) na linha de melhoria do ensino público. Essa unidade escolar foi escolhida por ser a maior das quatro escolas de série iniciais do município.

A escola é composta por aproximadamente 500 alunos e 21 professores, dos quais a maioria cursou apenas o magistério, indicando uma formação deficitária. Nesse sentido, os professores necessitam de cursos de capacitação, objetivando mudanças qualitativas na escola e promovendo a “escolarização adequada da leitura” para que correspondam ao ideal de leitor que se quer formar.

Foi realizada uma pesquisa para obter conhecimentos da formação dos professores a respeito dos hábitos de leitura. As respostas obtidas refletiram conhecimentos genéricos, sendo apenas reflexos da organização metodológica de suas aulas, como leitura oral do texto, coletiva e individual. Nenhum professor mencionou a leitura prazerosa que um texto literário deve instaurar no leitor.

Foi realizado também um levantamento dos títulos disponíveis na biblioteca, classificando-os como estéticos e pedagógicos. O estudo indicou que a maior parte do acervo é constituída de livros estéticos. Esse tipo de livro utiliza-se da ficção ou da linguagem poética, ou seja, são os livros literários. O trabalho na biblioteca tem por base a utilização do texto literário para desenvolver habilidades como interpretação, ortografia, gramática e produção de texto. Prioritariamente, vem sendo utilizado o acervo bibliográfico estético da escola que conta com diversos textos literários de qualidade e de autores reconhecidos.

O objetivo maior da pesquisa foi a formação do sujeito leitor (professor e aluno), bem como a formação continuada dos professores em serviço. A pesquisa também pretendeu delinear o perfil do leitor a ser formado pela instituição escolar a partir da leitura produtiva.

É preciso privilegiar a leitura para conseguir instaurar o prazer no ato de ler, utilizando para este fim livros de literatura infantil em um espaço que proporcione uma interação entre a leitura, a biblioteca e a sala de aula.

Assim, o projeto Formação do Sujeito Leitor no Âmbito da Biblioteca Escolar teve a intenção de melhorar o ensino público e formar o cidadão leitor crítico. Tornase óbvia a necessidade de uma renovação no contexto de leitura no âmbito escolar, a fim de modificar a noção equivocada de língua como um código autônomo que conduz o professor à adoção de uma prática em que ler equivale tão somente a decodificar.

Trabalho J - Amigo livro¹¹

O trabalho teve como objeto de estudo a literatura infantil e a formação do leitor, analisando-se a hora do conto nas bibliotecas das escolas municipais de ensino fundamental de São Leopoldo (RS).

Foi realizada uma pesquisa com o intuito de conhecer o espaço físico dessas bibliotecas, bem como o perfil dos professores responsáveis por esse ambiente. O objetivo da pesquisa foi o de instigar os profissionais que trabalham nas bibliotecas escolares do município a realizarem atividades que estimulem a leitura, despertando o interesse pela literatura infantil através de uma relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária.

O estudo teve como pressuposto a realidade atual de que os alunos estão perdendo o gosto pela leitura. Investigou-se como as escolas da rede municipal, através de sua biblioteca, desenvolviam o incentivo à leitura. Outro objetivo da análise foi estabelecer um perfil do profissional que atua nesse ambiente, pois se sabe que não se trata de um bibliotecário, mas sim de um professor responsável pela biblioteca.

Como metodologia utilizou-se um memorial, ou seja, um relato histórico, analítico e crítico que constituiu a trajetória de seu autor relacionado à biblioteca onde atua. Também foram realizadas visitas para conhecer a realidade das bibliotecas escolares.

¹¹ Lourenço; Assumpção (2007)

Os resultados da pesquisa mostraram que a maioria possui uma sala exclusiva para a biblioteca, no entanto, como nem todas dispõem de espaço amplo e adequado, a hora do conto ocorre em sala de aula. Foi percebido também que grande parte das escolas que realizam a hora do conto não envolvem todas as suas turmas. Devido a isso, foi relatado que não conseguem motivar alunos e professores a frequentar a biblioteca.

Por outro lado, foram descritas atividades significativas na hora do conto como dramatizações, visitas de autores, confecção de jogos e livros, rodas de leitura, dobraduras, entre outros; bem como a utilização de recursos como fantoches e equipamentos audiovisuais.

No entanto, a partir das informações coletadas foi percebida, em algumas escolas, a falta de planejamento de atividades de incentivo à leitura, pois os alunos estão cada vez gostando menos de ler. Em outras escolas ocorre um trabalho integrado entre a professora responsável pela biblioteca e a professora da sala.

Cabe destacar que, nos memoriais relatados pelos professores, questões como ampliação do vocabulário, compreensão e interpretação, além de leitura por prazer foram descritos como objetivos do incentivo à leitura.

Foi percebido também de forma positiva maior interesse por parte dos alunos em relação às atividades de hora do conto na biblioteca. Eles sentem-se estimulados e acolhidos neste ambiente limpo e organizado, o que facilita o acesso aos livros.

A maior parte das bibliotecas permite o empréstimo domiciliar dos livros e os mais retirados são os de poesia, contos de fadas, histórias de animais, aventuras, suspense e temas relacionados à adolescência. No entanto, o empréstimo de livros ocorre de forma negativa, já que o acesso aos livros é restrito e a escolha é determinada pelo professor.

Concluiu-se ao final da pesquisa que, com uma prática comprometida do professor responsável pela biblioteca, o qual necessariamente precisa ser um leitor, se conseguirá incentivar a leitura nas crianças.

Com relação à hora do conto, entendeu-se que o contador precisa dominar recursos e técnicas adequadas para tornar esse um momento prazeroso e atraente. Como sugestão, propõe-se que o responsável pela biblioteca seja alguém que conheça e goste de literatura infantil e que promova atividades de incentivo à leitura.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir da leitura dos trabalhos selecionados para a pesquisa foram identificadas categorias que serão descritas e analisadas a seguir.

Primeiramente, o ambiente da biblioteca, com toda infraestrutura física e de recursos humanos que fazem parte da mediação da leitura, de forma geral, foi o eixo central nos trabalhos selecionados para este estudo.

A leitura de lazer nesse ambiente e os elementos envolvidos no processo foram as principais preocupações nas ações realizadas e relatadas nos trabalhos.

As atividades desenvolvidas com o intuito de incentivar a leitura foram norteadoras para as ações ocorridas nas escolas. Tais ações decorreram de produções artístico-culturais, que, entre outras, destacou-se a Hora do Conto, o Trabalho com Poesias e a Produção de Textos.

Será também discutido o papel dos mediadores da leitura que figuram nesse ambiente, destacando a função do bibliotecário e do professor.

5.1 A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE LEITURA

O ambiente da biblioteca na escola deve representar a ideia de um espaço apropriado para a leitura, onde seus utilizadores sintam-se confortáveis e bem dispostos. É fato que, das bibliotecas existentes nas escolas, nem todas passam essa imagem.

Verificou-se, entre os trabalhos analisados, a presença da biblioteca como ambiente propício à leitura de lazer, ou seja, a leitura que desperta o prazer de ler. Como função social que pode exercer, a leitura poderá ter diferentes objetivos. Para Morais (1996, p. 12), esses objetivos podem despertar diferentes prazeres, tais como o autor coloca a seguir:

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar.

Segundo o autor, a liberdade é indispensável “para a experiência apaixonante da leitura”. O autor questiona ainda se “é razoável encerrar o prazer de ler num espaço murado por regras de interpretação. O prazer é livre ou não é prazer.”

Foram identificados cinco trabalhos que citam a importância e a necessidade de se estimular a leitura por prazer entre os alunos no ambiente escolar.

O Trabalho A – Brincando de biblioteca com programa literário teve como um dos seus objetivos estimular a leitura por prazer por meio dos próprios alunos atuando como mediadores.

A leitura por prazer deve ser estimulada desde a infância pela família. É em casa que, com os pais lendo para os filhos, fazendo desse momento um encontro de prazer, que se conseguirá desenvolver desde cedo o interesse pela leitura como ato livre, sendo esta uma experiência positiva e motivadora.

Marchi (2004, p. 159) afirma que a população brasileira em geral “admira e respeita quem lê, talvez até inveje quem possua a capacidade de ler, e até se considere em desvantagem pelo fato de não ser leitora”. A autora ainda enfatiza que a leitura está associada aos livros que é um objeto de pouco convívio doméstico, porém é valorizado.

Ao ser inserida no ambiente escolar, a criança se depara com um universo ainda mais amplo, o qual precisa ser explorado de modo que o interesse pela leitura não seja sacrificado pelas exigências pedagógicas.

Bortolin (2006, p. 69) diz que “a formação do gosto pela leitura não deve ser uma iniciativa isolada e solitária, exige uma ação coletiva da comunidade escolar.” A autora ainda acrescenta que “é este mesmo ‘corpo’ escolar que deve criar condições necessárias e ambiente propício para que a leitura ocorra de forma prazerosa”. Para

a autora, esse espaço aprazível deve contemplar o conforto físico e o conforto visual, incluindo itens como iluminação, ventilação, mobiliário, decoração, entre outros. Além disso, a autora também lembra que um outro item preponderante que promove o prazer de estar na biblioteca escolar é o seu acervo, que deverá ser diversificado e de qualidade.

O Trabalho D – A Formação de leitores na unidade de educação infantil
Alaíde Lisboa destaca a importância de tornar o espaço da biblioteca aos olhos da criança um ambiente reconhecidamente de prazer e de descoberta.

Para Amarilha (2003, p. 76), “Biblioteca é como uma instituição pós-moderna por excelência”, pois é o encontro da diversidade, onde se reúnem todas as línguas, todos os sotaques. É um espaço de pacífica convivência onde não há lugar para preconceitos.

No **Trabalho E – Projeto sala de leitura**, foi detectada a falta de interesse e hábito de leitura e, como solução para esse problema, a estratégia encontrada foi criar um espaço aconchegante e que desvinculasse a ideia de leitura prazerosa de atividades pedagógicas obrigatórias.

A biblioteca escolar é um espaço rico em que diversas atividades culturais podem ser desenvolvidas. No entanto, é fato que, principalmente em escolas públicas, onde a falta de recursos é mais escassa, seja apenas um espaço onde se guardam livros e outros materiais.

Silva e Bortolin (2006, p. 12) traduzem bem essa preocupação quando afirmam que:

As bibliotecas são tradicionalmente percebidas como um espaço de organização e manutenção de livros; porém, à medida que novos suportes de informação e documentação vão surgindo, elas precisam, progressivamente, alterar sua forma de atuação na sociedade.

Ezequiel Theodoro da Silva (1986, p. 138) expressa bem a imagem negativa que a biblioteca escolar muitas vezes possui por desempenhar uma função que foge

totalmente daquela imagem de ser ambiente acolhedor e aconchegante. O autor comenta sobre a imagem da biblioteca onde os alunos cumprem castigos, conforme a citação a seguir:

Não são poucos os professores deste país que, para livrarem-se de alunos indisciplinados, transformam o espaço da biblioteca em um instrumento de correção. Se ao menos os alunos pudessem ali encontrar um acervo adequado às suas necessidades e interesses, mas não: o local é tétrico, uma verdadeira câmara de tortura. Como, então, criar o hábito da leitura, o amor à biblioteca, agindo dessa forma?

Para o autor, os mais importantes aspectos a serem considerados em uma biblioteca “não é a beleza de sua decoração, mas sim a qualidade do seu acervo e a funcionalidade dos seus serviços”. O autor ainda afirma que a qualidade do acervo da biblioteca precisa atender às necessidades reais de leitura dos usuários, “voltadas à busca do conhecimento, recreação e fruição estética.” (SILVA, 1986, p. 143).

A experiência descrita no **Trabalho I – A Formação do Sujeito Leitor no Âmbito da Biblioteca Escolar** mostra que deve haver uma interação entre a leitura, a biblioteca e a sala de aula para que ocorra a leitura por prazer. No entanto, Amarilha (2003, p. 76) adverte que essa ideia popular do prazer de ler, “não tem correspondido a avanços pedagógicos e teóricos que de fato detalhem e dimensionem qual é a natureza do prazer no contato com o texto”. Faltam trabalhos que abordem o ambiente da biblioteca escolar como um local onde se possa usufruir da leitura de lazer. Grande parte dos estudos na área não menciona essa questão.

Alguns trabalhos, como o **Trabalho D – A formação de leitores na unidade de educação infantil Alaíde Lisboa**, destacam a importância de dinamizar o espaço da biblioteca, tornando-o um ambiente prazeroso e acolhedor, incentivando, assim, a leitura recreativa e descompromissada de qualquer trabalho pedagógico.

Apesar de alguns trabalhos manifestarem a importância da leitura por prazer, percebe-se que nas práticas desenvolvidas para incentivar o hábito da leitura, o objetivo principal ainda se refere a objetivos pedagógicos. Obviamente que esse também é um dos objetivos da biblioteca escolar, ou seja, apoiar o processo de

ensino e aprendizagem oferecendo recursos bibliográficos. Mas também é necessário visar o estímulo da leitura livre e prazerosa.

Para Perrotti (1990, p. 79), o elemento comum para conduzir todas as práticas seria o prazer. “A leitura deverá ser apresentada enquanto ato estimulante, atraente, interessante, prazeroso”.

Reforçando essa ideia, Wagner (2002, p. 205) afirma que uma outra dificuldade bastante comum em atividades de incentivo à leitura é a de se conseguir manter a atenção dos leitores. Para isso, diz o autor, “é importante variar os estímulos, pois um ambiente monótono diminui o nível de vigilância por falta de excitações”.

Notou-se também nos relatos que em diversas unidades escolares ainda é inexistente um espaço adequado para a leitura. Muitas ações detalharam a criação desses ambientes como ponto de partida para o incentivo à leitura.

Destacam-se dois trabalhos que citam a importância da biblioteca como espaço de leitura e a leitura por prazer e que direcionam os alunos para uma atividade pedagógica de produção escrita. O **Trabalho F – Biblioteca como espaço de produção** informa como resultado do projeto a produção escrita de cordel realizada pelos alunos. Já o **Trabalho G – Desenvolvendo projeto em biblioteca escolar** teve como um de seus objetivos “produzir textos a partir da leitura de poemas”. Esses trabalhos são necessários e pertinentes contribuindo para o registro do conhecimento adquirido por meio das leituras desenvolvidas. No entanto, é preciso estar atento para o fato de evitar que se torne um hábito vincular a leitura prazerosa a atividades pedagógicas obrigatórias.

Azevedo (2004, p. 39) consegue traduzir perfeitamente o quão é importante que haja uma espécie de comunhão entre o leitor e a leitura por prazer. Segundo o autor, “para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação”.

5.2 AS ATIVIDADES DE INCENTIVO À LEITURA

Foi percebido ao longo da análise dos trabalhos que diversas atividades culturais são realizadas no espaço da biblioteca para incentivar a procura pelos livros e o hábito da leitura.

Entre as diversas atividades descritas nos trabalhos analisados, foi percebida a presença significativa de ações integradas. Utilizou-se música e teatro como principais recursos artísticos nas atividades de incentivo à leitura. As atividades que mais se destacaram foram o Trabalho com a Poesia, a Hora do Conto e a Produção de Textos.

5.2.1 O Trabalho com Poesia

De acordo com a análise que se fez nos trabalhos selecionados, foi percebido que o desenvolvimento de atividades com poesia é bastante utilizado na sala de aula e na biblioteca como forma de estimular a leitura por prazer e desenvolver outras habilidades como a produção escrita.

É frequente em sala de aula, ou na biblioteca, realizar atividades que envolvam o trabalho com textos poéticos. Isso se dá por meio de atividades como saraus, produção de poemas e recitais.

Entre os trabalhos analisados, quatro chamaram atenção por desenvolver com os alunos o contato com a poesia.

O **Trabalho B – Com o pé na poesia** descreve como o espaço da biblioteca escolar foi utilizado como ambiente para promoção da leitura. O projeto que envolveu toda a comunidade escolar utilizou-se do gênero literário poético pelo seu caráter de ludicidade que apresenta.

Para Amarilha (2003, p. 36), a atividade que envolve poesia “proporciona alegria, prazer e otimismo no contato com a palavra, pois, afinal, ser leitor também é

ter autoconfiança para ser desafiado por qualquer texto”. A autora ainda acrescenta que “a linguagem poética é, por excelência, portadora dos elementos lúdicos que proporcionam prazer ao texto”.

O projeto relatado no **Trabalho G – Desenvolvendo projeto em biblioteca escolar** mostra que por meio de oficinas em que se trabalhou a poesia é possível estimular a leitura por prazer nos alunos e fazer com que eles produzam seus próprios textos poéticos.

Averbuck (1986, p. 67) expressa de maneira suave como a escola pode proceder para desenvolver em seus educandos o gosto pelo texto poético. O autor afirma que:

Não se trata, portanto, de que a escola assuma a responsabilidade de ‘fazer poetas’, mas de desenvolver no aluno (leitor) sua habilidade para sentir a poesia, apreciar o texto literário, sensibilizar-se para a comunicação através do poético e usufruir da poesia como uma forma de comunicação com o mundo.

Maia (2001, p. 18) também trata dessa questão em que a poesia oferece a oportunidade de jogar com a língua. No texto, a autora faz referência a Aristóteles que considerava a linguagem poética uma forma de jogo por meio da imitação e do jogo.

Pode-se perceber no **Trabalho F – Biblioteca como espaço de produções** que foi desenvolvido um trabalho a partir da literatura de cordel, que procurou, além de difundir a cultura regional, instigar os alunos a manter viva essa tradição.

Igualmente o **Trabalho C – Sentidos de Leitura** preocupou-se em desenvolver “atividades menos formais” no dia a dia da escola e por meio de diversos eventos incentivar a leitura de lazer. Entre as atividades desenvolvidas está a declamação de poesias.

Trabalhos como esses devem ser divulgados e apoiados, pois, de forma bastante positiva, conseguem transformar o espaço da biblioteca e o ato da leitura

em algo prazeroso. Soares (2006, p. 47) escreve abaixo sobre duas realidades que se costuma perceber na abordagem da leitura no contexto escolar

Distinguimos entre uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura: adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler.

Para complementar, Lojolo (2005, p. 51) destaca a relação entre literatura e escola e afirma que “pode-se incluir, entre as funções da escola, o aumento progressivo e paulatino da familiaridade do aluno com textos que ampliem seu horizonte de expectativas”. A autora também alerta para o fato da mediação da poesia ser feita de forma negativa, causando assim um “*desserviço*” à poesia. Segundo a autora, “é freqüente que os textos mesmo bons sejam seguidos de maus exercícios”.

Portanto, mais que apoiar iniciativas bem sucedidas, é preciso também, banir da sala de aula e da biblioteca, atividades que causem aversão à leitura e à literatura.

5.2.2 A Hora do Conto

A contação ou narração de histórias na escola e na biblioteca é tema bastante recorrente na área da Biblioteconomia e Pedagogia. Diversos trabalhos já foram publicados mostrando sua importância como estímulo à leitura por prazer (DIAS; DUTRA, 2008; HILLESHEIM; FACHIN, 2003; SANTOS, 2008; SILVA, 1999).

Mais conhecida como Hora do Conto, é uma atividade bastante apreciada pelos alunos. É o momento em que ou professor ou bibliotecário faz a mediação direta entre a literatura e o leitor. A Hora do Conto pode ser conceituada, como “uma seqüência de atividades realizadas por um grupo de crianças, coordenadas por um adulto (aqui chamado de coordenador)”. (CAMPOS; BEZERRA, 1988, p. 79 apud BARCELLOS; NEVES, 1995, p. 15). Pode-se ainda acrescentar a conceituação de Sales (2004, p. 49) que diz:

Hora do Conto é uma atividade de leitura geralmente proposta pela biblioteca da escola que, de forma lúdica, pode fazer com que as crianças reflitam sobre uma história que ouvem, estimulando não só o imaginário, mas também sua capacidade de perceber suas preferências, ou seja, capacidade de opinião. A hora do conto, quando bem desenvolvida, instiga a curiosidade e é um exercício de estímulo à criticidade, através da transmissão de informações.

Dentre os dez trabalhos analisados, quatro tratam da Hora do Conto no ambiente da biblioteca.

No projeto descrito no **Trabalho D – A Formação de leitores na unidade de educação infantil Alaíde Lisboa** foi percebido que práticas como a Hora do Conto trazem resultados positivos e modificam a relação do aluno com a biblioteca.

A narração de histórias, em geral, é sempre positiva, pois prende a atenção das crianças. “Percebe-se, portanto, que a história, lida ou contada, desempenha uma função catalisadora de interesse e prazer”. Isso leva a crer, segundo relatado no projeto, que essa experiência torna-se significativa para os alunos. (MAIA, 2001, 18).

O **Trabalho H – Vem que eu te conto** relatou que a experiência desenvolvida na biblioteca trouxe como maior benefício o envolvimento dos alunos com a literatura infantil, visto que a Hora do Conto causa fascinação e encantamento.

A Hora do Conto permite aos alunos um mergulho no mundo mágico da literatura, que, segundo Rosa (2002, p. 166), “possibilita ao leitor um livre trânsito dentro do tempo e do espaço míticos e, por conseguinte, uma percepção da realidade que contempla, também, padrões internos”.

Silva (1999, p. 176), ainda acrescenta que a Hora do Conto se constitui em um valioso recurso pedagógico-cultural, pois ajuda “a desmistificar a relação do leitor e o livro”. Para o autor são “momentos agradáveis de prazer e alegria no contato com o mundo mágico da literatura oral, possibilitando uma ponte entre esta e a literatura escrita.”

O **Trabalho E – Projeto sala de leitura** descreveu como a contação de histórias marcou o início das atividades na nova sala de leitura da escola. A “inauguração” do novo ambiente foi marcada pela leitura de uma história que instigou a todos para conhecer o novo espaço e manusear os livros ali existentes. Com isso, percebe-se que a Hora do Conto é um ponto de partida para incentivar o gosto pela literatura.

A pesquisa desenvolvida no **Trabalho J – Amigo livro** mostrou que, ainda em muitas escolas, a Hora do Conto é desenvolvida de forma precária por falta de espaço físico adequado e profissionais capacitados. Na análise dessa categoria ficou evidente nos depoimentos de professores nos trabalhos do COLE, o importante papel que a narração de histórias possui no desenvolvimento do hábito da leitura.

5.2.3 A Produção de Textos

Entre os trabalhos analisados, alguns destacam o trabalho de produção textual com a função de avaliar o resultado da leitura. A leitura e a escrita de textos são processos intrínsecos do processo de ensino e aprendizagem. Rösing (1997, p. 66) analisa bem esse processo da produção escrita vinculado à leitura quando afirma que:

Ambas as atividades – ler e produzir textos – estão intimamente ligadas. Os alunos que não lêem, por exemplo, apesar de viverem numa sociedade letrada, são produto de uma escola que não tem valorizado o livro suficientemente, desconhece a noção de acervo ou, quando o utiliza, nem sempre o faz com critérios de seleção mais rigorosos. Conseqüentemente, os reflexos na produção textual apresentam qualidade similar à constatada durante a leitura.

Dos trabalhos selecionados, quatro citaram o desenvolvimento de produção de textos, principalmente vinculados ao gênero poético.

O **Trabalho B – Com o pé na poesia** não detalha como aconteceu e quais foram os resultados. Porém, entre as atividades desenvolvidas, cita a produção escrita. O espaço da biblioteca foi utilizado para o desenvolvimento das atividades envolvendo produção escrita, que incluíram segundo o relato: “Interpretação;

Elaboração por parte dos alunos de uma mensagem para o seu caderno; Usando a imagem: “Se você fosse uma porta...” (o que deixaria ou não entrar); Confecção de livros com as poesias trabalhadas”.

Nota-se, porém, que houve a preocupação em se trabalhar também conteúdos curriculares, como “Conscientização da conservação do material escolar; Análise dos tipos de moradia na qual vivem e no qual está inserida a escola”; além do “Ditado cantado”.

No projeto do **Trabalho F – Biblioteca como espaço de produções** a literatura de cordel foi utilizada como objeto para estimular a produção escrita dos alunos. A experiência teve resultado positivo, pois visa a preservação e difusão da cultura local, além de tornar os alunos produtores da literatura cordelista. O texto expressa bem qual a importância desse tipo de trabalho quando diz que “os alunos têm direito a leitura, não qualquer leitura, mas a uma leitura cuja prática valorize o pensamento, a escrita e a criatividade” (SOUZA, 2009, p. 10).

Lajolo (1986, p. 52) atenta para o fato de a escola transformar o texto literário em pretexto para se trabalhar conteúdos curriculares. Para a autora a presença de um texto na escola cumpre várias funções, frequentemente discutíveis e nem sempre interessantes. A autora afirma que:

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura.

O **Trabalho G – Desenvolvendo projeto em biblioteca escolar** trabalhou a poesia – como já apontado quando apresentada na categoria do subitem 5.2.1 – como forma de conhecer a estrutura de um poema e, assim, fazer com que os próprios alunos criem seus poemas. A leitura e a produção escrita são atividades relacionadas e que desenvolvem competências importantes na escola, como o senso crítico e a interpretação.

A respeito dessas competências associadas à leitura, Fabiano (1997, p. 63) diz que “A leitura como a escrita estão na história, fazem a história, são a história. Tanto uma quanto a outra, quando negligenciadas, resultam numa visão e numa ação sem domínio dos seus rumos”.

No projeto desenvolvido no **Trabalho I – A Formação do Sujeito Leitor no Âmbito da Biblioteca Escolar** foi enfatizada a produção de textos para interpretação da leitura, porém de forma superficial por meio de questionários. Segundo o estudo, a produção de textos é realizada de forma oral e escrita, onde predomina a utilização de livros estéticos, ou seja, literários.

Quando aborda uma das funções da produção escrita e sobre o que é saber escrever, Landsmann (1995, p. 45) diz que

Confinados aos aspectos notacionais da escrita, poderíamos dizer que as crianças adquirem um sistema de caracteres que lhes permite explicitar um conhecimento até então implícito, o da estrutura fonológica das palavras.

Leite e Marques (1986, p. 38) argumentam que os textos são uma rica mediação de que dispõem os professores de todos os níveis, pois proporciona “a troca de experiência, o trabalho da reflexão, a vontade de criar e a tentativa de comunicar”.

A produção textual vinculada à leitura torna-se um valioso instrumento na aprendizagem, pois trabalha as diferentes formas literárias, além de divulgar obras importantes e seus autores.

5.3 OS MEDIADORES DA LEITURA

A mediação da leitura na sala de aula e na biblioteca tem como principais responsáveis o professor e o bibliotecário, que desempenham um papel essencial no incentivo à leitura de fruição e atuam como facilitadores entre a literatura infantil e juvenil e o seu leitor.

Sobre a mediação da leitura Rolla (2004, p. 169) diz que:

Na literatura, o contato direto do leitor com o escritor nem sempre é fator para uma melhor compreensão da obra, podendo ocorrer exatamente o contrário. As instâncias mediadoras, de outro modo, podem levar a uma interpretação adequada, mas provocar um desinteresse pela figura do autor.

A autora quer dizer que o mediador possui uma função paralela a do autor. O mediador, segundo ela, cumpre o papel de divulgador do produto, mas também tem a função de “revitalizador” do objeto artístico, pois são responsáveis pelo “renascimento” dos autores e suas obras.

5.3.1 O Bibliotecário

A profissão de bibliotecário na área escolar começa a ganhar destaque por parte do governo. Como exemplo, pode-se citar a lei nº 12.244, sancionada este ano pelo presidente da república. Esta lei, que aborda a universalização das bibliotecas das unidades de ensino, reforça o papel do bibliotecário como profissional capacitado para atuar nessas unidades. De acordo com o texto da lei (BRASIL, 2010) em todo o país, as escolas “deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário”.

Na maioria dos trabalhos analisados nesta pesquisa, a presença do bibliotecário ainda é de pouco destaque. Apenas dois trabalhos citam claramente a presença do bibliotecário nas ações descritas. De modo geral, ficou evidente que o bibliotecário tem pouca participação no processo de mediação da leitura no âmbito da biblioteca escolar.

Cabral (1998, p. 39) sugere nas palavras a seguir o comportamento que precisa prevalecer na relação de bibliotecários com a comunidade escolar:

Em seu relacionamento devem adotar uma postura democrática sem impor suas idéias, de modo a conduzir o trabalho conjunto em relação dialógica - penetrar no universo do saber compartilhado pelas crianças e adultos, de modo a dialogar e trocar experiências.

Fragoso (2005, 170) complementa afirmando que “a relação bibliotecário/comunidade escolar ainda é distante, sem a prática necessária para o desenvolvimento de projetos integrados”.

No entanto, nos dois projetos descritos nos relatos demonstram que o bibliotecário, como o principal mediador de leitura, pode influenciar a comunidade escolar em que atua.

Percebe-se a integração que houve entre os participantes envolvidos no **Trabalho B – Com o pé na poesia**, no qual professora, bibliotecária e alunos concretizaram esta parceria. Foi desenvolvido um trabalho no espaço da biblioteca onde todos colaboraram para a construção do projeto.

O **Trabalho H – Vem que eu te conto** enfatiza de forma bastante positiva a parceria entre bibliotecário e professor que se estabeleceu na escola para dinamizar o incentivo à leitura por meio do encantamento da Hora do Conto.

Para Chartier (2007, p. 145) “as relações entre bibliotecários e professores têm, sem dúvida, tudo a ganhar com uma formulação mais clara de suas missões específicas”. Para a autora, isso se dá por meio de programas e no contexto de um trabalho coletivo.

5.3.2 O Professor Bibliotecário

O **Trabalho G – Desenvolvendo projeto em biblioteca escolar** descreve as atividades de incentivo à leitura realizadas no ambiente da biblioteca. Apesar de em sua fundamentação teórica destacar o papel do bibliotecário, não menciona a participação do mesmo na ação relatada. Cita a importância da parceria entre bibliotecário e professor, no entanto não relata como isso aconteceu de fato.

Em outro relato, no **Trabalho J – Amigo livro**, acontece a mesma situação. Teoricamente o bibliotecário é destacado como o profissional qualificado para promover a leitura. No entanto, a descrição da prática de incentivo à leitura deixa

claro, neste caso, que professores impossibilitados de atuar em sala de aula são designados para serem os responsáveis pela biblioteca.

Kieser e Fachin (2000, p. 8) analisaram em seu trabalho como isso acontece e afirmam que:

Na maioria dos casos, muitas contam com professores ou agentes administrativos que não estão mais aptos a exercerem suas atividades específicas. Estas pessoas não se interessam pelos trabalhos e serviços biblioteconômicos e sequer se interessam pelas necessidades dos usuários.

Também se percebeu a falta de integração que ainda existe entre o trabalho do bibliotecário e do professor. Assim como também ficou evidente que ainda existem bibliotecas gerenciadas por professores que, sem mais condições de lecionar, são remanejados para a biblioteca.

Outro fato ainda percebido é que, em poucos trabalhos encontrados, a presença do bibliotecário atuando como mediador de leitura acontece de forma tímida. A mediação da leitura fica mais a cargo do professor. Chartier (2007, p. 121), a respeito da relação bibliotecário-professor, afirma que “os próprios profissionais reconhecem no outro um parceiro precioso e necessário”. Isso indica que se pode construir uma parceria positiva por meio do trabalho integrado de ambos os profissionais.

Foi percebido também que o bibliotecário parece ter pouca atuação nesse espaço para criar o hábito de leitura, ou os trabalhos não mencionaram o profissional por falta de conhecimento do mesmo, destacando mais o papel do professor.

O **Trabalho E – Projeto sala de leitura** relata a preocupação de capacitar o professor como mediador de leitura por meio de palestras e encontros. Fica claro também que, para ser mediador de leitura, deve-se, antes de tudo, ser também leitor ativo e ter conhecimento para poder indicar aos alunos livros que consigam encantá-los.

Martos Nuñez (2002, p. 236) analisa as funções do mediador da leitura, o qual ele denomina “animador de leitura”, e diz que:

Para entender, de verdade, um texto, é importante identificar-se com ele, procurar situar-se na mentalidade e na sensibilidade de que está composto, 'con-viver' com ele, reduzir em suma, as inevitáveis distâncias entre texto-receptor, autor-receptor.

Somente o **Trabalho H – Vem que eu te conto** destaca claramente a integração do trabalho que há entre professores e bibliotecários atuando como mediadores da leitura e da informação no espaço da biblioteca. No relato, percebe-se que o trabalho é desenvolvido tanto em sala de aula como na biblioteca e os dois profissionais, professor e bibliotecário, atuam de forma conjunta, contando histórias, selecionando livros e envolvendo os alunos.

5.3.3 O Professor Mediador da Leitura

Quatro trabalhos destacaram o papel do professor como mediador da leitura. Um dos pontos mais debatidos nos trabalhos analisados foi a questão de que para mediar a leitura precisa ser o professor também leitor competente.

Leite e Marques (1986, p. 43) expressaram bem a figura do professor como mediador da literatura. Para os autores, o papel do professor é muito simples e ao mesmo tempo, bem difícil. “Requer algo bastante sutil: uma presença meio ausente, e, no entanto, atuante; um apagar-se da figura do mestre que, muito embora, conduz o jogo; uma condução do jogo que se deixa conduzir”.

No **Trabalho E – Projeto sala de leitura** optou-se pela formação dos professores para melhor acontecer a mediação da leitura. De acordo com o texto “para que o professor torne-se um leitor e aponte caminhos para seus alunos, provocando-os constantemente a novas leituras, é necessário debates e reflexões constantes sobre a temática”.

Para Perrotti (1990, p. 77), um dos maiores obstáculos na promoção da leitura é o despreparo dos mediadores. Falta formação cultural específica para a animação da leitura, por adotarem procedimentos ultrapassados. Esses profissionais adotam uma postura que, segundo o autor, “vincula automaticamente o desinteresse pela leitura a erros técnicos, erros que, muitas vezes, não passam de atitudes

pedagógicas tradicionais”. Perrotti sugere como solução formar competências nesses profissionais para atuar como “mediadores em condições de planejar e executar atividades de promoção/animação da leitura capazes de envolver completamente o leitor”.

O **Trabalho H – Vem que eu te conto** menciona a importância de professores e bibliotecários atuarem como mediadores da leitura. O texto sugere que a descoberta da leitura pela criança possa vir da observação de pais e educadores.

A pesquisa desenvolvida no **Trabalho I – A Formação do Sujeito Leitor no Âmbito da Biblioteca Escolar** conseguiu mostrar o perfil dos professores como leitores bem como acontecem as práticas educativas com relação à leitura. A pesquisa mostrou que a didática utilizada para a formação do gosto pela leitura ainda se dá de forma maçante.

Amarilha (2003, p. 25) observa que é difícil ensinar a encontrar o prazer no texto quando nós mesmos não nos deparamos com esse momento. Para a autora:

Enquanto se fala na fruição do texto, na necessidade em se relacionar com a literatura de forma libertadora, a verdade é que pouca atenção tem se dado aos componentes da literatura que a transformam em objeto de prazer e, portanto, desejada pelos seus usuários.

O **Trabalho J – Amigo livro** trata também de uma pesquisa realizada entre professores de ensino fundamental a respeito do processo de formação do aluno-leitor. Destaca a atuação dos professores responsáveis pela biblioteca da escola. O trabalho cita a importância do professor ser um leitor a fim de estimular seus alunos a tornarem-se também leitores. Santos e Souza (2004, p. 82) mostram a seguir a preocupação de professores em adquirir competências para desempenhar a mediação da leitura de forma satisfatória. Os autores afirmam que pesquisas recentes:

Indicam que professores do ensino fundamental se queixam da dificuldade de acesso à literatura, do reduzido (quando não inexistente) acervo da escola, e, principalmente, da falta de formação específica sobre leitura, interesses infantis, indicações adequadas para as idades com as quais trabalham.

Sob esse ponto de vista, mais uma vez, confirma-se a importância do trabalho em parceria entre bibliotecários e professores. O bibliotecário como profissional da informação, poderá auxiliar o professor na seleção e indicação da literatura para seus alunos. Na sala de aula, o professor poderá difundir o papel essencial que a biblioteca exerce como ambiente de leitura.

Fragoso (2005, p. 171) sugere um modelo de escola ideal onde a figura do professor poderá atuar de forma que ele seja visto como:

Um profissional em constante interação com o meio, investe em sua formação integral e está apto para atuar em equipe. Envolvido com a comunidade (sem preconceitos), estabelece laços com as teorias subjacentes às atividades de aprendizagem e facilita aos alunos o desenvolvimento dos sentidos de responsabilidade, de solidariedade e de justiça.

Em um modelo de escola ideal é possível que se estabeleça uma integração entre toda a comunidade escolar, em que os objetivos a serem alcançados tornem-se comuns. Ou seja, a parceria bibliotecário-professor seria direcionada para que a mediação da leitura ocorresse de forma adequada. A biblioteca escolar, como espaço de leitura, seria um local onde os alunos pudessem usufruir de recursos de qualidade e desfrutar de leitura prazerosa e livre.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da democratização da educação no país e com a difusão da literatura infantil e juvenil, as bibliotecas escolares começaram a ser objeto de estudo na área científica.

É possível inferir por meio dos trabalhos publicados no COLE e analisados nesta pesquisa que a biblioteca na escola começa a ter papel de destaque. Os relatos apontam que, apesar da precariedade de recursos, ações são desenvolvidas para tornar a biblioteca escolar um local de leitura acolhedor e prazeroso.

Diversas atividades culturais são realizadas no espaço da biblioteca para que se desenvolva o gosto pelos livros e pela literatura. Tudo indica que a Hora do Conto ainda é a atividade que mais se desenvolve para incentivar a leitura por prazer.

O trabalho com a poesia associado com a produção de textos parecem ser as atividades que professores recorrem para, ao mesmo tempo, difundir o gênero literário poético e trabalhar conteúdos curriculares, utilizando para esse fim o acervo da biblioteca, bem como o próprio espaço para expor os resultados destas atividades.

A mediação da leitura ocorre por meio dos professores e seguidos, timidamente, por bibliotecários. Possivelmente, destaca-se o papel de mediador relacionado mais à figura do professor. Isso talvez ainda ocorra pelo fato de o bibliotecário ficar mais na função de técnico e não como agente de promoção cultural. No entanto, ficou evidente que a possibilidade de parceria entre esses dois profissionais é necessária para melhor desenvolver o hábito de leitura nos estudantes.

De forma geral, concluiu-se que a biblioteca na escola é identificada como um espaço importante onde as possibilidades de uso são as mais variadas possíveis. É um espaço também reconhecidamente que contribui para a formação do aluno-leitor.

Inferiu-se, também, analisando algumas ações relatadas no espaço da biblioteca – quando existente na escola – que dois principais problemas podem afetar a mediação da leitura: a falta de formação específica de alguns profissionais, seguido pela precariedade de recursos humanos e materiais na biblioteca.

Foi possível constatar na análise dos trabalhos que, para atuar como mediadores de leitura, os profissionais que trabalham na escola precisam ser também leitores competentes. Isso significa que devem ter uma formação adequada para este fim, ou seja, conhecer a literatura infantil e juvenil e seus autores, bem como suas respectivas indicações para determinados grupos de alunos por faixa etária. É necessário também desenvolver outras competências para atuar como “animadores de leitura”, incluindo atividades com dramatizações e música.

A falta de recursos é um dos grandes problemas detectados hoje na realidade das bibliotecas escolares. Profissionais pouco capacitados não conseguem atender às demandas da comunidade escolar por falta de conhecimento na área. Por outro lado, acervos desqualificados também contribuem para desmotivar os leitores em potencial.

No entanto, os profissionais responsáveis pelas bibliotecas escolares – bibliotecários ou professores – podem superar a falta de recursos com criatividade, tornando a biblioteca um local organizado, atraente e que desperte o interesse pela leitura de lazer. Por meio de projetos integrados e que envolva toda a comunidade escolar é provável que se consiga reverter esse quadro.

Esta pesquisa apontou ações estimulantes que são desenvolvidas nas bibliotecas escolares para que se torne um espaço identificado pelos estudantes como um espaço referencial de leitura.

Ainda são poucos os estudos publicados que retratam a biblioteca na escola como ambiente de leitura de lazer. Portanto, sugere-se que, para os avanços da área, outros pesquisadores abordem e explorem esta questão essencial para a formação de futuros alunos leitores nas escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo: Summus, 1983. (Novas buscas em educação, 13).
- ALVES, M. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?**: literatura infantil e prática pedagógica. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- AQUINO, M. de A. Leitura em sala de aula: avatares do desejo ou recalçamento?. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 9, n. 1, 1999. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/423/344>>. Acesso em: 15 jan. 2010.
- ARANHA, M. L. de A. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- AVERBUCK, L. M. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 63-83. (Novas Perspectivas, 1).
- AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, R. J. de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 79-90.
- BARCELLOS, G. M. F.; NEVES, I. C. B. **Hora do conto**: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua realização em bibliotecas públicas e escolares. Porto Alegre: Sagra-D. C. Luzzatto, 1995.
- BATISTA, F. da R. B. A escola e a formação do sujeito-leitor: analisando a produção de leitura no Ensino Médio do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI). **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 117-123, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/view/490>>. Acesso em: 12 jan. 2010.
- BORTOLIN, S. A leitura e o prazer de estar na biblioteca escolar. In: SILVA, R. J. da; BORTOLIN, S. (Org.). **Fazer cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. Cap. 6, p. 65-72. (Palavra-Chave, 17).
- BOOS, M. S. Projeto sala de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 15., 2005, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2005. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais15/index.htm/>>. Acesso em: 2 abr. 2010.
- BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 10 jun. 2010.

CABRAL, A. M. R. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

CALDIN, C. F. O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 6, n. 1, 2001. Disponível em: < <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/362>>. Acesso em: 29 jan. 2010.

_____. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 47-58, 1. sem. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/100/5235>>. Acesso em: 28 jan. 2010.

_____. A leitura como função pedagógica: o literário na escola. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: < <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/37>>. Acesso em: 26 jan. 2010.

CAMPELLO et al. A coleção da biblioteca escolar na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 6, n. 2, p. 71-88, jul./dez. 2001. Disponível em : < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1687>>. Acesso em: 28 jan. 2010.

CANÇADO, D. C. Brincando de biblioteca com programa literário. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 15., 2005, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2005. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais15/index.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

CASTRO FILHO, C. M. de. Os caminhos da biblioteca escolar. In: ROMÃO, L. M. S. (Org.). **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos, SP: Alfabeta, 2008. p. 73-91.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CHARTIER, A.-M. **Práticas de leitura e escrita**: história e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Linguagem e educação).

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de biblioteconomia e arqueologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DIAS, V. G.; DUTRA, L. F. Hora do conto: atividade pedagógica que estimula o gosto pela leitura. **Didática Sistemica**, Rio Grande, v. 7, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.redisis.furg.br/edicoes/vol7/art1v7.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2010.

DUMONT, L. M. M. Lazer, leitura de romances e imaginário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 117-123, jan./jun. 2000.

Disponível em:

<<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/131/315>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

ELY, N. H. Dimensões da biblioteca escolar no ensino fundamental. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/405/510>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

FABIANO, L. H. Da massificação da leitura à massificação da escrita. In: BIANCHETTI, L. (Org.). **Trama & texto: leitura crítica escrita criativa: v. 2**. São Paulo: Plexus; Passo Fundo: EDIUPF, 1997. p. 50-65.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

FONSECA, E. N. da. **A biblioteca escolar e a crise da educação**. São Paulo: Pioneira, 1983. (Manuais de estudo).

_____. **Introdução à biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992. (Manuais de estudo).

FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola: uma relação a ser construída. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 169-173, jan./dez., 2005. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/430>. Acesso em: 30 maio 2010.

FRANÇA, F. F.; DOMINGOS, K. B. da S. Com o pé na poesia. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2007. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

GOMES, R. S.; PONTES, R. Sentidos de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2007. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR. GEBE. Escola de Ciência da Informação da UFMG. **Portal**. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

GURGEL, F. M. R. et al. Desenvolvendo projeto em biblioteca escolar: leitura e escrita. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2007. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

HILLESHEIM, A. I. de A.; FACHIN, G. R. B. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2003. Disponível

em: < <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/viewArticle/404/507>>. Acesso em: 12 maio 2010.

KIESER, H.; FACHIN, G. R. B. Biblioteca escolar: espaço de interação entre bibliotecário-professor-aluno-informação – um relato. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., Porto Alegre, 2000. **Proceedings**... Disponível em: < <http://dici.ibict.br/archive/00000743/01/T083.pdf> >. Acesso em: 28 maio 2010.

LAJOLO, M. Impasses e passos na formação do leitor. In: YUNES, E. (Coord.). **A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas**. Rio de Janeiro: Antares, 1984. p. 25-27.

_____. Poesia: uma frágil vítima da escola. In: _____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 41-51.

_____. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 51-62. (Novas Perspectivas, 1).

LANDSMANN, L. T. **Aprendizagem da linguagem escrita: processos evolutivos e implicações didáticas**. São Paulo: Ática, 1995. (Fundamentos, 100).

LEITE, L. C. M.; MARQUES, R. M. H. Ao pé do texto na sala de aula. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 37-49. (Novas Perspectivas, 1).

LOURENÇO, K. C.; ASSUMPÇÃO, S. Amigo livro: uma proposta de incentivo à leitura no município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas, SP. **Anais**... Campinas, SP, 2007. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2010.

MACEDO, N. D. de (Org.) **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: SENAC, 2005.

MAIA, A. M. dos S. **O texto poético: leitura na escola**. Maceió: EDUFAL, 2001.

MARCHI, D. M. A literatura e o leitor. In: NEVES, I. C. B. et al. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 6. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 159-165. (Educação continuada).

MARTINS, E. O espaço de mediação de leitura na biblioteca escolar. In: SILVA, R. J. da; BORTOLIN, S. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. Cap. 5, p. 55-64. (Palavra-Chave, 17).

MARTOS NUÑEZ, E. Espaços de leitura: projetos, conteúdos e animação cultural. In: RÖSING, T. M. K.; BECKER, P. (Orgs.). **Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 165-170.

MILANESI, L. **A casa da invenção**: biblioteca centro de cultura. 4. ed. rev. e ampl. Cotia, SP: Ateliê, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Temas sociais).

MORAES, R. B. de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo: Editora UNESP, 1996. (Encyclopaideia)

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, repensar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

NÓBREGA, N. G. da. A biblioteca e a sala de leitura como espaço de animação cultural. In: RÖSING, T. M. K.; BECKER, P. (Orgs.). **Leitura e animação cultural**: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 349-358.

PEREIRA, L. Argumentações sobre escola, leitura e professores. **Linhas**, Florianópolis, v. 2, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1303>>. Acesso em: 29 jan. 2010.

PERROTTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1990. (Novas buscas em educação, 38).

RESENDE, V. M. **Literatura infantil e juvenil**: vivências de leitura e expressão criadora. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ROLLA, A. da R. Ler e escrever: a mediação do professor. In: NEVES, I. C. B. et al. **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 6. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 166-173. (Educação Continuada).

ROMÃO, L. M. S.; FERRAREZI, L. Literatura, escola e biblioteca na perspectiva discursiva. In: ROMÃO, L. M. S. (Org.). **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos, SP: Alfabeta, 2008. p. 127-146.

_____.; BASTOS, G. G.; ALMEIDA, L. T. R. de. Silêncio da e na biblioteca escolar: de como sentidos são produzidos em desenhos por sujeitos escolares. In: ROMÃO, L. M. S. (Org.). **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos, SP: Alfabeta, 2008. p. 147-165.

ROSA, L. L. A importância do conhecimento das fontes nos contos de fadas. In: RÖSING, T. M. K.; BECKER, P. (Orgs.). **Leitura e animação cultural**: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 165-170.

RÖSING, T. M. K. Dinamizando a biblioteca, ressignificando a escola. In: _____.; BECKER, P. (Orgs.). **Leitura e animação cultural**: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 349-358.

_____. Se não lêem ou lêem pouco, como esperar que escrevem?. In: BIANCHETTI, L. (Org.). **Trama & texto: leitura crítica escrita criativa: v. 2.** São Paulo: Plexus; Passo Fundo: EDIUIFP, 1997. p. 66-77.

SALES, F. de. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da Educação e o olhar da Biblioteconomia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 9, n. 18, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/179>>. Acesso em: 29 maio 2010.

SANTOS, S. **O bibliotecário escolar atuando como contador de histórias: um estudo bibliográfico em fontes de informação.** 2008. 58 f. Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia, Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVA, E. T. da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 133-145. (Novas Perspectivas, 1).

SILVA, M. do A. Biblioteca escolar e educação. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 3., 2004, Belo Horizonte. [**Anais eletrônicos**]... Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/323.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2010.

SILVA, R. J. da; BORTOLIN, S. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In: _____. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar.** São Paulo: Polis, 2006. Cap. 1, p. 11-19. (Palavra-Chave, 17)

SILVA, V. R. da. A hora do conto na biblioteca escolar: uma proposta de incentivo à leitura. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica.** Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 175-177. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-48. (Linguagem e educação).

SOUZA, E. N. de. Biblioteca como espaço de produções. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2009. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais17/>>. Acesso em: 5 abr. 2010.

TORINO, L. P.; BOSCHINI, M. J. A. Vem que eu te conto. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 14., 2003, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2003. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais14/index.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

UJIIE, N. T. A formação do sujeito leitor no âmbito da biblioteca escolar. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 14., 2003, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2003. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais14/index.htm>>. Acesso em: 11 abr. 2010.

VÁLIO, E. B. M. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 1990.

VIANNA, M. M.; CARVALHO, N. G. de M.; SILVA, R. M. da. Entre luz e sombra: uma revisão de literatura sobre biblioteca escolar. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1. 1999, Belo Horizonte. [**Anais eletrônicos**]... Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/104.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2009.

VIDAL, D. G. Bibliotecas escolares: experiências escolanovistas nos anos de 1920 e 1930. In: MENEZES, M. C. (Org.). **Educação, memória, história**: possibilidades, leituras. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. P. 187-211.

VILLAÇA, A. A. A formação de leitores na unidade de educação infantil Alaíde Lisboa. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP, 2009. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais17/>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

WAGNER, C. J. P. A importância da atenção visual na aprendizagem em crianças e adolescentes. In: RÖSING, T. M. K.; BECKER, P. (Orgs.). **Leitura e animação cultural**: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 195-208.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. São Paulo: Global, 1985. (Teses, 1).

_____.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças**: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 3. ed. São Paulo: Global, 1988. (Global universitária. Crítica e teoria literária).